O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDAÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANO XXXV

ASSINATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANO 4$600 reis; SEMESTRE: 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: ANO 5$140; SEMESTRE 2$650; TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assinaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABADOS

Sabado 18 de setembro de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Anuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assina-se unicamente em Aveiro. As assinaturas são pagas adiantadas. Os manuscritos enviados á redação, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:524

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.te Anne, 51.bis

ESMOLA

para as vitimas do incendio na Costa da Torreira

Transporte.... 307$300

—

Qualquer donativo deve ser dirigido ao ex.mo e revd.mo sr. Conego Arcipreste, José Candido Gomes d'Oliveira Vidal.

O produto d'esta subscrição será por este cavalheiro entregue ao sr. governador civil d'Aveiro, para ser por este sr. distribuida proporcionalmente pelos desgraçados, que tudo perderam n'este pavoroso incendio.

SUMARIO:—LICENSA E REPRESSÃO.—O RECENSEAMENTO ELEITORAL DE SANTA COMBA-DÃO.—VIAGEM DE SUA MAGESTADE EL-REI.—COMISSÃO DISTRITAL.—NOTICIAS LOCAES.—NOTICIAS DIVERSAS.—NOVAS DE LONGE.—OS VINHOS PORTUGUEZES EM FRANÇA.—FOLHETIM, O ANJO DA GUARDA, *por Almansor*.—ARABESCOS E MINIATURAS.—BIBLIOGRAFIA.—PARTE OFICIAL.—TELEGRAFIA.—CARTA DE LISBOA.

Aveiro

LICENSA E REPRESSÃO

Tem sido tratada na imprensa uma questão de principios, o que constitue por assim dizer excéção á regra estabelecida. De principios cura-se muito pouco entre nós, maxime nos bons tempos que vamos atravessando. Mas por isso mesmo registamos o facto, e fazemos d'elle mensão especial.

Querem uns que se ponha cobro ás demasias de linguagem, com que certos jornalistas desafogam o seu máo humor, lembrando ao poder executivo que mesmo em ditadura decrete providencias extraordinarias, e uze de meios coercivos para lograr aquele intento. Preferem outros que o ministerio não faça nada e deixe ao bom senso do publico a verdadeira correcção ás diatribes, ao esconjuro, e ao vocabulario ultra-realista, com que os escritores mais agastadiços agridem os seus adversarios politicos. Dizem eles, que vale mais a licensa que a repressão, porque se aquela diz da soltura de costumes dos Aretinos de mediocre plana, a ultima está fóra dos nossos ábitos e seria stigma indelevel para o partido progressista, e muito principalmente para os que na imprensa teem combatido a pé firme todos os abusos, todas as intemperanças dos governos d'este paiz.

Tambem assim pensamos, e tambem assim entendemos a questão. As medidas repressivas seriam um erro, e nós não desejamos que o partido progressista tenha fraquezas de que no futuro havia de arrepender-se. Pois que! homens que na imprensa ganharam as esporas de ouro, como foram o actual presidente do conselho e ministro do reino, o sr. J. Luciano de Castro, o sr. ministro da fazenda Mariano de Carvalho, e o sr. ministro das obras publicas Emidio Navarro, haviam de querer amordaçar a imprensa, acabando com este respiradouro das coleras dos seus irreflétidos adversarios, que ahi estão a injurial-os, porque não encontram parte alguma vulneravel nas suas armaduras diamantinas em que possam enterrar o punhal da calunia ou em que faça móssa a adaga da injuria? Não pode ser. Nem suas ex.as pensaram nunca em tal, nem que alguem lh'o lembrasse, aceitariam o alvitre.

Quando o tumultuar das paixões leva o escritor a taes demasias, é porque nem sequer lhe resta um momento de lucidez para prever que similhantes meios estão hoje postos de parte, e só pertencem aos desajudados de Deus e dos homens, áqueles a quem a razão abandona para os arrastar á ultima degradação moral.

Póde lutar-se, póde ser-se intransigente, queremos mesmo conceder, que no meio da discussão acalorada se perca o aureo numero e a penna se converta em stilete, para rasgar a epiderme aos que nos agridem pouco generosamente. Mas isso é a excéção, relevavel só quando as paixões desorientam os individuos e os levam a esquecer as regras da verdadeira camaradagem, que obriga mais que umas presumidas conveniencias partidarias, que ninguem agradece, e que o paiz engeita, por não serem do seu agrado. Fóra d'esse ambiente, rarefeito pelo ciume ou pela inveja, não concebemos que possam dar-se taes agressões. Seria até um crime admitil-as n'outra condição. Não póde crêr-se que as experiencias do dr. Ox se façam nos escritorios de redação dos nossos jornaes politicos, nem que Portugal, apesar do crisma de Parvonia, se metamorfozeasse em Quinquedone.

Ha, bem o sabemos, desregramentos, que destoam da cortezia usada entre pessoas bem educadas; mas para corrétivo basta-lhes o desprezo publico. O foliculario póde estimular o paladar derrancado de uma sociedade corrompida até á medula; mas não satisfaz á parte justa e sensata, que não se impõe, mas que aprecia o libelo e a contrariedade, e pronuncia o seu veredicto, que é a expressão honesta do que ha ainda puro, contrapondo-se ao cachão espumoso da calunia, que cansa afinal e é esmagada sob o seu proprio peso.

O homem que no paiz foi mais atrozmente atacado pela imprensa politica, chamava-se no seculo Antonio Bernardo da Costa Cabral. E quando em volta d'ele se calavam as paixões, quando a luz da historia lhe batia em cheio sobre o vulto legendario, os proprios que o tinham exposto á censura da nação, reputavam-se honrados em conferir-lhe o titulo de marquez, nomeando-o para representar Portugal na côrte do chefe da egreja catolica, d'onde saiu com as honras e os proventos inherentes a quem desempenha corrétamente tão elevadas funções!

Eis um exemplo, e dos mais frisantes da nossa cronica constitucional. Fictem-no bem, para que de futuro não venham a arrepender-se. E, todavia, Costa Cabral tão apertado se viu pela imprensa, que lhe ocorreu amordaçal-a, aplicando-lhe a chamada lei das rolhas. Foi o seu peor acto como estadista. O homem publico havia-se suicidado. Extincto para a vida politica, convenceu-se Costa Cabral que devia abdicar como chefe de partido. Atentar contra a imprensa, era arcar com o systema representativo, era querer arrancar a lingua da nação. Porque a lei das rolhas feria tudo e a todos. Acusava e condenava a imprensa habilitada, e era impotente para arcar com o panfleto anonimo. As publicações clandestinas tomavam o logar dos jornaes politicos. A calunia tinha respidouros mais espaçosos, e declarava-se irresponsavel. Os prelos vomitavam folhas avulsas dos antros mais ignorados da capital e das provincias. Chegava a toda a parte o veneno que segrega de si a colera represada.

Escusamos de citar o *Espectro*, que foi um grito d'angustia e um protesto energico que sobresaíu no meio de uma grande conflagração. Para o comprovar basta evocar o que se passou então e apoz essas eras calamitosas, que talaram os campos e despovoaram as cidades, substituindo o labor do comercio e as canseiras da industria pelo arruido das armas e pelo rastro sangrento dos combates.

Não. Antes a linguagem descomposta dos Marats de trapeira, que a compressão que esmaga, que a mordaça que oprime, que a alçada que violenta mas que não convence, nem dá autoridade aos governos, e é o eterno descredito dos partidos.

Antes a licensa que a repressão, porque se a ultima é o abuso da força contra um direito embora mal orientado, a primeira tem por correctivo a luz que a imprensa esclarecida espalha sobre os homens e sobre os factos, honrando a liberdade, que é um principio, e apostolando-a com entranhada fé, o que é mais ainda, porque é a pratica da verdade eterna, que não secumbe á incontinencia nem ao choque das facções.

O RECENSEAMENTO ELEITORAL DE SANTA COMBA-DÃO

Não podendo impugnar a stricta legalidade do decreto de 9 do corrente, que fixou novos prasos para a elaboração do recenseamento eleitoral do concelho de Santa Comba Dão, a imprensa oposicionista calunia o governador civil do distrito de Vizeu e o administrador d'aquele concelho, gritando que são falsas as informações d'esses magistrados.

Ora entre estas informações oficiaes e autenticas de magistrados responsaveis, e aquela afirmação gratuita e faciosa de qualquer escrevinhador anonimo e sem imputação, ninguem de são criterio poderá vacilar.

Supõe a oposição que está escrevendo n'um paiz de papalvos, e que basta afirmar para ser logo acreditada, sem se lembrar de que desacreditada está ela por tudo o que escreve e faz.

Com que direito, com que provas, com que autoridade se diz que não são verdadeiras aquelas informações? Quem é que toma a responsabilidade legal d'essa afirmação caluniosa? Quem é que ousa firmar com o seu nome essa acusação infamante? Ninguem, porque todos se escondem sob a capa do anonimo, porque todos se evadem pela porta falsa da voz publica, que a final não é a voz de ninguem.

Facil e comoda maneira seria esta de invalidar todas as provas, de inutilisar todos os documentos, de desacreditar todos os funcionarios, e de condenar todas as ações.

Mas muito mais facil nos é então a nós dizer bem alto, e com toda a segurança, que quem mente é a oposição, n'este como geralmente em todos os assuntos.

E mente sem proveito, porque esse decreto não se baseou sómente n'aquelas informações, mas sim em autos de investigação, em outros documentos autenticos juntos ao processo, e principalmente no parecer unanime dos fiscaes da coroa e fazenda em conferencia.

O sr. ministro do reino cumpriu rigorosamente o seu dever, pois que no estado em que se achava o processo, não podia deixar de ordenar a organisação de novo recenseamento eleitoral. Dava-lhe a lei competencia para isso, e ninguem ousa contestar-lh'a. Instruiu-se com todas as informações, documentos e pareceres que a lei exige, e ninguem ousa negal-o. Conformou-se com o parecer unanime, e insuspeitissimo, da conferencia dos fiscaes da corôa e fazenda, que a oposição se atreve decerto a chamar leviana ou faciosa.

Portanto as berratas da oposição são simplesmente lorpas, porque não convencem, nem comovem.

Tem graça, então, invocarem, eles, as tropelias praticadas nos recenseamentos de Agueda e de Ovar, em que a maioria das comissões recenseadoras é regeneradora! Em Agueda, foram taes e tantas as irregularidades e abusos cometidos nas operações recenseadoras, que o poder judicial anulou o respétivo livro. Em Ovar foram tão grandes e tão escandalosas as tropelias feitas no recenseamento, que a oposição teve de reclamar por perto de 3:000 eleitores grosseiramente eliminados, e um só acordão da relação mandou inscrever perto de 300!

Assim se vê bem com que autoridade podem os regeneradores falar em traficancias recenseadoras ou eleitoraes!

VIAGEM DE SUA MAGESTADE EL-REI

A proposito da viagem de sua magestade publica o nosso colega do *Correio da Noite* dois documentos importantissimos. Um d'eles é uma carta que sua magestade o rei Oscar escreveu ao condestavel mór; o outro é um artigo publicado na folha oficial sueca, revisto e corrigido por este mesmo monarcha.

CARTA D'EL-REI OSCAR

Ao Ex.mo Sr. Marechal do Reino, Barão de Bildt.—Quando tive a alegria de ir cumprimentar o Rei de Portugal, ao qual desde muito estou ligado pela amisade pessoal, senti que a comparticipação nacional da minha alegria avigorava no meu coração a lembrança preciosa dos dias passados.

As homenagens que por toda a parte se tributaram ao meu real hospede foram grandiosas, e exemplar a ordem que sempre se observou nas massas populares.

Desejo, pois, expressar vivamente a todos e a cada um dos que de qualquer maneira contribuiram para preparar ou fazer realçar a recepção, o meu mais expontaneo reconhecimento.

Encarrego a v. ex.a de fazer chegar ao conhecimento publico este meu desejo.

Palacio de Stokholm, 25 de agosto de 1886.

Seu amigo
Oscar.

ARTIGO DO DIARIO OFICIAL SUECO

Sua magestade el-rei D. Luiz de Portugal saíu da capital da Suecia á meia noite e meia hora.

El-rei deixou aqui a mais agradavel das recordações. Todos que tiveram a honra de se aproximar do reis de Portugal ficaram convencidos da nobreza de sua pessoa, e da natural benevolencia, que não é uma exterioridade aparatosa, mas um dom do coração.

Temos as melhores razões para estar persuadidos que a demora, aqui, do rei de Portugal, tambem lhe produziu a mais agradavel impressão, e que ele deixou uma grata recordação ao rei da Suecia, á familia real, á nação e ao paiz.

Da parte do nosso rei e da nossa rainha recebeu sua magestade el-rei de Portugal as provas mais evidentes de amisade e simpatia. Para irem ao encontro do ilustre viajante *deixaram a sua residencia* de verão em Oresund; desenvolvendo uma hospitalidade, a todos os respeitos real.

Os filhos de suas magestades vieram expressamente aqui para cumprimentarem o monarca estrangeiro.

Tanto os habitantes da capital como os das outras cidades tributaram a el-rei D. Luiz as mais cordeaes homenagens. Muitos d'eles contribuiram para as festas que se realisaram por ocasião da real visita. Recordamos n'esta circumstancia, muito principalmente, a grande iluminação que os proprietarios das casas de campo da costa do mar, bem como os de Inälarem e os habitantes de Stokholm, fizeram por ocasião da volta do monarca das excursões de Skargard e de Gripsholm.

O proprio soberano, o sr. D. Luiz I, emquanto aqui se demorou, por muitas e repetidas vezes, manifestou o seu grande contentamento pela brilhante recéção que lhe era feita, declarando mais, que seriam inolvidaveis para ele os dias passados na Suecia.

Muitas circumstancias contribuiram para tornar agradavel a passagem de sua magestade, especialisando principalmente o tempo, que durante todos os dias se conservou belissimo.

As simpatias pelo rei de Portugal bem como pelo paiz que ele representa, hão-de acompanhal-o.

Se, como esperamos, a real visita podér contribuir para o desenvolvimento das relações mais intimas, quer politicas, quer comerciaes, entre a Suecia e Portugal, ela terá feito um grande serviço aos dois paizes, cujos monarcas tiveram ocasião, n'estes dias, na capital da Suecia, de renovarem e apertarem os laços de amisade que já de ha longo tempo os uniam.

— A proposito tambem da viagem d'el-rei diz a *Independance Belge:*

«O rei da Belgica irá terça-feira receber o rei de Portugal á estação do Quartier-Leopold. Quinta-feira os dois soberanos partirão para Antuerpia.

Haverá um espétaculo de gala no teatro real da Moeda, por ocasião da visita do rei de Portugal. O dia ainda não está fixado, mas julga-se que será o de terça-feira. Fala-se em um espétaculo mixto, de opera séria e opera comica.»

COMISSÃO DISTRITAL

SESSÃO DE 8 DE SETEMBRO DE 1886

Presidente, dr. Barbosa de Magalhães.
Secretario, Elias Pereira.

Faltou por motivo justificado o vogal dr. Cerveira e Souza.

Foi presente o balanço semanal do cofre.

Procedeu á repartição, pelos concelhos do distrito, do contingente da contribuição predial do corrente ano, o que deu este resultado, na proporção do rendimento colétavel de cada concelho e da importancia das contribuições extintas:

Agueda	6:731$040
Albergaria	3:605$433
Anadia	8:868$545
Arouca	6:877$375
Aveiro	14:226$367
Castelo de Paiva	2:506$498
Estarreja	15:631$512
Feira	14:102$615
Ilhavo	4:310$052
Macieira de Cambra	2:705$802
Mealhada	4:817$742
Oliveira d'Azemeis	7:885$308
Oliveira do Bairro	5:873$357
Ovar	8:105$288
Sever do Vouga	1:904$018
Vagos	4:849$048
Soma	113:000$000

Negou aprovação á demarcação feita pela junta de paroquia de Escariz em sessão de 9 de novembro de 1884 e confirmada em sessão de 3 de janeiro de 1886, dos limites entre essa freguezia e a de Chave, em vista do ponderado pelo administrador d'aquelle concelho e da disposição do art. 2.º § 7.º do novo Cod. Adm.

Não aprovou a deliberação tomada pela camara municipal da Feira na sua sessão ordinaria de 19 de maio ultimo e pela qual deferiu o requerimento de José da Silva, de Canedo, sobre o alinhamento de um predio d'ele sito no logar de Mosteiró, da mesma freguezia, por isso que das informações em que a mesma camara se baseou não consta que por força d'esse alinhamento tenha de ser cedida ao requerente qualquer porção de terreno publico, e essa concessão seria prejudicial ao transito e aos proprietarios frouteiros, como se alega na reclamação de Serafim Vieira Bastos, do mesmo logar, confirmada pelo administrador do concelho.

Aprovou os orçamentos ordinarios das juntas de paroquia de Cedrim, de S. João de Ver, de Belazaima, e de Alvarenga (com recomendação); e os suplementares das juntas de paroquia de Macieira de Cambra, e de Valega (com recomendação).

Consultou favoravelmente o processo para classificação em distrital d'uma estrada que, partindo da Ponte de Entre-os-Rios na estrada real n.º 40 siga pela Ponte do Loureiral e pelas proximidades de Nespereira e Alvarenga e termine em Castro Daire.

Aprovou a deliberação da camara municipal de Cambra, de 7 de agosto ultimo, de vender em ásta publica um pedaço de terreno baldio no sitio do Morangal, limites do logar da Relva de Vila Chã.

Aprovou o processo de partilha e aforamento do monte do logar do Cazal, feito pela junta de paroquia de Chave.

Aprovou a deliberação da camara municipal d'Aveiro, em sessão de 2 de setembro corrente, de aforar em ásta publica umas porções de terreno sito no largo do Rocio d'esta cidade, as quaes se acham indicadas a tinta vermelha na planta junta á copia da mesma áta.

Aprovou, com alterações e recomendações, os orçamentos ordinarios das juntas de paroquia de S. João da Madeira, de Ovar, e de Avanca.

Noticias Locaes

Apontamentos de carteira.—Partiu para Vagos a ex.ma sr.ª D. Anna de Magalhães, que vae para velar a cabeceira de seu filho, o nosso amigo sr. Silverio de Magalhães, digno escrivão e tabelião, que ultimamente tem passado bastante doente. Que s. ex.ª volte em breve, deixando-o bom, é o que sinceramente desejamos.

— Regressou de Lisboa a esta cidade o sr. João Carlos d'Almeida Machado, distinto engenheiro da camara municipal do Porto.

— Fez anos na quinta-feira o sr. Francisco Manuel Couceiro da Costa, abastado proprietario d'este concelho.

— Esteve hontem aqui o muito digno paroco da freguezia d'Espargo, concelho da Feira.

Nomeação.—O sr. dr. João Taborda, visitador do imposto do sêlo n'este distrito, acaba de ser incumbido de visitar extraordinariamente as repartições de fazenda dos concelhos d'este distrito, menos a d'este concelho, por pertencer essa visita ao sr. inspétor da fazenda publica.

Liceu Nacional de Aveiro.—O conselho d'este liceu, na sua reunião de quarta-feira, procedeu á colocação dos professores proprietarios, em harmonia com os grupos de cadeiras criados pelo novo regulamento, e com os diplomas das suas nomeações. Ficaram assim colocados: Na cadeira de geografia e historia, o sr. dr. João José Pereira de Souza e Sá; na de introdução, o sr. Elias Fernandes Pereira; na de filosofia, o sr. dr. Clemente Pereira Gomes de Carvalho, que ha anos está em comissão no liceu de Coimbra; na de latim, o sr. Abilio Cesar Enriques de Aguiar, e na de desenho, o sr. João da Maia Romão.

Nas cadeiras que ficaram vagas foram colocados, até aos concursos, nos termos do mesmo regulamento, os seguintes atuaes professores provisorios: na de portuguez, o sr. dr. Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça; na de matematica, o sr. dr. Manuel Gonçalves de Figueiredo; e na de francez, o sr. dr. José Rodrigues Soares, ficando portanto vaga a cadeira de inglez.

Circular.—A Comissão Executiva da junta geral d'este distrito, na sua ultima sessão, organisou e deliberou remeter ás camaras municipaes e juntas de parochia do distrito uma circular contendo instruções para a organisação dos orçamentos ordinarios d'essas corporações para o futuro ano civil, de harmonia com as disposições do novo codigo administrativo que desde já se consideram vigentes, ou que, por não serem expressamente contrariadas pelas do codigo atual se podem e convém desde já executar. Como é trabalho extenso, só no numero seguinte o podemos transcrever.

Boa providencia.—O governo acaba de ordenar que os presidentes das camaras possam passar guias, para os mancebos se remirem do serviço militar, por 50$000 reis, dos contingentes atrazados, entrando o dinheiro nos cofres das recebedorias, o que é de grande comodidade para os povos, e de vantagem para o tezouro, simplificando o serviço.

Mosteiro d'Arouca.—Regressou já a Lisboa da volta da sua excursão artistica ao mosteiro d'Arouca o nosso presado amigo o sr. Manuel de Macedo Pereira Coutinho, ilustrado e infatigavel conservador do *Museu nacional de belas-artes*. O sr. Manuel de Macedo diz-nos que o mosteiro produz a impressão de ter sido saqueado por um exercito invasor—tal é a pobreza do conteúdo em proporção com a magestade e vetustez da fabrica. E' assim, quem visitasse o mosteiro antes da morte das ultimas religiosas, havia de julgar que enormes preciosidades se acumulavam ali, tão largo patrimonio era o seu, pois rara era a comarca do norte do paiz em que não recebesse rendas; a sua antiguidade era tanta que ia além da fundação da monarquia e a vastidão do edificio era de tal fórma grandiosa que podia comportar um verdadeiro exercito de freiras; pôrém, em verdade, pouco, muito pouco lá existia já. Em Arouca sucedeu o contrario que em Lorvão; aqui as velhas cirterenses proferiram morrer de fome e de frio a venderem um unico dos riquissimos objétos do mosteiro; deixaram-se roubar, é verdade, mais de uma vez, mas não venderam um unico objéto, quando a venda de qualquer d'eles seria suficiente para ocorrer por muitos mezes á sua subsistencia.

As freiras d'Arouca tendo perdido os dizimos que eram importantissimos e recusando-se os seus foreiros a pagar-lhes durante alguns annos os fóros a que eram obrigados, principiaram a desfazer-se de todos ou quasi todos os objétos de valor pertencentes ao convento, a fim de manterem o antigo fausto. Venderam por vil preço muitos objétos d'arte e para não citar outros, basta mencionar os dois famosos calices do seculo XVI que hoje possue a Misericordia do Porto, e que em tempo pertenceram ao conhecido negociante Alen, que foi quem primeiro os adquiriu. Pouco, muito pouco escapou, e isso quasi que só tem valor arqueologico. O sr. Manuel de Macedo informa-nos que julgou dignos de serem guardados no Museu nacional de bellas-artes uns sessenta e tantos objéctos e bom é que eles sigam quanto antes esse caminho. Dos dois relicarios que tanto se tem falado, e dos quaes um acaba de ser concedido pelo governo á irmandade de Santa Mafalda, diz-nos este nosso amigo que são ainda bizantinos, e por tanto talvez coevos da santa rainha—um é em cruz e outro em triptico, que este ultimo foi concertado no seculo XVI, tendo os postigos exteriormente forrados de laminas de prata com ornamentação e figuras em relevo.

Queimada na serra. — Ha quatro noites que se avista ao nascente d'esta cidade um rubro clarão no alto das serras, denunciante de um valente fogo, não só no mato rasteiro, mas tambem em arvoredo, atenta a força das chamas.

Pomposa solenidade.—Tem logar ámanhã em Esgueira uma brilhante festividade em honra da Virgem sob a invocação de Nossa Senhora do Rozario. De manhã haverá Santissimo exposto, missa cantada acompanhada a grande instrumental pela filarmonica *Aveirense* e sermão; e de tarde, depois das ceremonias liturgicas, haverá tambem sermão, saindo em seguida a procissão, que percorrerá as principaes ruas da freguezia. A Virgem será conduzida n'um andor novo, o qual foi executado por um habil artista d'esta cidade, e diz-nos pessoa competente que está uma obra perfeita.

Hoje ha iluminação, fogo de vistas, balões aereostaticos, e a filarmonica *Aveirense* executará ali as melhores peças do seu variado reportorio.

A festa no Bussaco.—Celebra-se na capela do Bussaco, no dia 27 do corrente, a costumada festa comemorativa da vitoria ganha em igual dia de 1810 pelo exercito anglo-luso sobre o exercito francez comandado pelo general Massena. E' orador o revd.º conego dr. Alves Mendes, e assiste á solenidade o nosso venerando prelado o ex.mo sr. Bispo Conde.

Em Espinho. — A'manhã realisa-se na assembleia de Espinho uma atraente *matinée* musical, que deve constituir uma agradabilissima diversão, pois tomam parte n'ela distintos amadores do Porto, e o programa é muito seléto.

— Tambem nos dias 25, 26 e 27 téem ali lugar as brilhantes festas a Nossa Senhora da Ajuda, que prometem ser muito animadas e concorridas.

Remissões.—Na inspéção do dia 15 remiram-se 31 mancebos, sendo 29 dos que se aproveitaram do beneficio da remissão por 50$000 reis, um por 80$000 reis por ser refrátario, e um por 180$000 reis por ser do contingente de 1885—tudo na importancia de 1:710$000 reis.

Julgado municipal.—A camara do concelho de Sever do Vouga requereu ao governo para ali ser creado um julgado municipal.

Noticias Diversas

Futura duqueza do Porto.—A realisar-se o casamento do infante D. Afonso, duque do Porto, conforme noticiou a Agencia Havas, a futura duqueza do Porto será S. A. R. a princeza Enriqueta Maria Carlota Antonieta, 2.ª filha de S. A. R. o principe Filipe Eugenio, conde de Flandres e duque de Saxe, principe de Saxe-Coburgo-Gota, irmão de S. M. o rei Leopoldo II e de S. A. R. a princeza Luiza de Hoenzolern, irmã do principe Leopoldo de Hoenzolern. A joven princeza vem a ser sobrinha de S. A. R. a princeza D. Antonia de Bragança. Nasceu em Bruxelas aos 30 de novembro de 1870. Conta, pois, 16 anos incompletos de idade.

Despachos de fazenda.— Efetuaram-se os seguintes:

Adido a repartição de fazenda do distrito de Lisboa, a escrivão de fazenda de Oeiras sr. Joaquim Honorio da Luz Junior. Transferido para Oeiras o escrivão de fazenda de Celorico da Beira, Francisco Joaquim de Quadros Corte Real. Promovido para Celorico o escrivão de fazenda do concelho de Aguiar da Beira, João Antonio Ribeiro de Albuquerque. Transferido para Aguiar da Beira o escrivão de fazenda de Terras do Bouro, Antonio Luiz Marques dos Reis. E nomeando escrivão de fazenda de Terras do Bouro, a escriturario da Povoa de Lanhoso, Antonio Joaquim de Vasconcelos Guimarães.

Transferido para Alijó o escrivão de fazenda de Alcobaça sr. João Maria Cardoso Freire de Andrade, para Alcobaça promovido o de Santa Marta de Penaguião, José Augusto de Sousa Leal.

Transferido para Santa Marta o escrivão de fazenda de Vila Pouca de Aguiar, João Tomaz de Brito, e para este promovido o de Macieira de Cambra João Alberto Pinto Bacelar.

Nomeado escrivão de fazenda de Macieira o ex-criturario Joaquim Pereira Rebelo.

Promovido para Santa Comba-Dão, o escrivão de Cezimbra, sr. Francisco de Lemos e Menezes, e para Cezimbra nomeado escrivão de fazenda o escriturario Honorario Veloso de Macedo.

Adido á repartição de fazenda do distrito de Faro o escrivão de fazenda de Algesur, José Pires de Araujo, e para este promovido o escrivão de Faro João Filipe Correa de Mesquita.

Anuladas as transferencias dos escriturarios de Armamar José Encarnação para Mondim, e de Mondim para Armamar, Manuel Joaquim de Oliveira. Nomeado escriturario para Soure, José Augusto de Sousa Oliveira.

Transferido para o concelho de Celorico de Basto o escriturario de Mondim de Basto, Agostinho Alves da Silva Lopes. Para Mondim de Basto e de Fafe, Paulo Dias Portela de Figueiredo, e para Cezimbra o escriturario de Celorico de Basto, Augusto Cesar Guimarães da Silva.

Transferido para o concelho de Vila Nova do Foscôa o escrivão de fazenda de Portimão, Simão Carvalho d'Almeida, para este o do concelho de Alandroal, Rafael da Paz Furtado. Promovido para este o de Oliveira do Bairro, José Mendes Strech da Cunha, e para este o escriturario de Anadia, José Breda de Melo.

Nomeado escrivão de fazenda para Salvaterra de Magos o aspirante de Santarem, Alfredo Barbosa.

Demitido o escriturario da Barquinha, Artur Adelino Valeio Temudo.

Correio da moda.—Trasladamos o seguinte da folha lisbonense *A Moda Illustrada:*

«Começam ja a aparecer trajos para outono. Não trazem grande novidade. São, pela maior parte, feitos em tecidos escocezes, de cores suaves, em que o *beije* e o alvadio têm a primasia. Uns são, tom sobre tom, outros misturados com cores mais escuras. Quanto aos feitios, continuam os mesmos. Saias em pregas, ou inteiramente lisas e tunicas apanhadas elegantemente sem tufos, caindo em pregas naturaes. Os corpos de blusa usam-se muito n'estas *toilettes*, seguros com cintos de seda, veludo ou couro. Mas estes corpos, que ficam perfeitamente ás senhoras com pouca idade e magras, não devem ser usados pelas que já não tem quinze ou dezoito anos e que são um pouco gordas. Como as bluzas têm franzidos ou prégas em volta do corpo, engrossam este sempre, mesmo porque se não pódem apertar como um corpo liso. N'estes vestidos misturam-se quasi sempre os tecidos lisos aos de xadrez, fazendo-se umas vezes a saia pregueada da fazenda de quadrados e a tunica e corpo do tecido liso. Outras vezes é o contrario, a saia lisa e a tunica em escocez.

Como as tardes já são frias, usam-se os casacos curtos cavados nas costas, feitos de pano fino castanho, côr de mel ou esverdinhado escuro, abrindo um pouco adiante para deixar ver um colete do mesmo escocez do vestido.

Quanto aos tecidos de seda, tanto para o outono como para o inverno, podemos afirmar com certeza que o veludo liso e em riscas, assim como a pelucia, serão empregados não só como guarnições mas fazendo parte dos vestuarios.

Quasi todos os corpos de lã ou de seda ligeira, surah ou foulard, usados de dia, são abertos na frente com rebuços grandes e largos, ou estreitos e pequenos, tendo por dentro a tornar o vestido afogado um peitilho branco ou de côr acompanhado da pequena gravata de homem. Esta moda bonita, principalmente para as meninas, acabará no fim do outono e não será usada com os vestidos de tecidos espessos de inverno.

Os chapéus na proxima estação não terão a altura exagerada que tiveram este estio; as copas mais baixas e as abas mais largas, sendo estas levantadas de mil modos diferentes. Nos chapéus á cara continuará o feitio capota, mas alternado com os chapéus ao Diretório. Como acontece quasi todos os anos, as plumas e as aves véem substituir as flores que adornam os chapéus para primavera e estio.

Os chapéus de outono reunem o tulle ao veludo; este fórma a aba, as fitas de traz e as laçadas que servem de adorno. O tulle compõe a copa, não em liso mas em tufo. O feltro aparece já para os chapéus desabados das *toilettes* de caça, de viagem, e mesmo para as saidas de manhã.

Nas confécções ha uma diversidade espantosa. As que se usam nas cidades para visitas ou passeios, são quasi todas de fazendas finas e transparentes, como granadine ou crepe da China, tecidas com contas ou pequenos vidrilhos pretos ou de côr, os quaes formam arabescos e flores em relevo, ou cáem em berloques, e são adornadas com rendas de seda e passamanarias, tendo o feitio de grandes fichus, de visites curtas, chegando apenas á cintura. Ha algumas compridas que, abrindo atraz e nos lados, e sendo estas aberturas guarnecidas de concheados de rendas, assentam perfeitamente sobre os vestidos de uma só saia em machos ou prégas.

As que são destinadas para praias no abrigos para o campo não têm seda senão nos forros, sendo estes de côres vivas, ou em escocez. As rendas são de lã, e nada de vidrilhos. Na exposição *Artes industriaes* em Paris, exposição aberta na semana passada, vêm-se algumas novidade de que a moda tirará partido com certeza.

Encontram-se ali tecidos impermeaveis para a chuva que têm a aparencia de alpacas finas, de que este inverno se farão *water-proofs* mais leves e elegantes do que os cautchucs alvadios que é preciso serem tão comodos como são para se lhes perdoar a sua falta de beleza e o cheiro desagradavel que têm.

Como o tecido novo é não só fino, mas tambem bonito, podem-se fazer trajos completos com que se arrostarão as maiores chuvas sem receio.

Outros tecidos que chamam com rasão a atenção do publico são os *ininflamaveis*. As cortinas das camas e dos berços deviam ser todas submetidas ao banho que, como as amostras apresentadas na exposição, os tornassem rebeldes ao fogo. D'este modo se evitariam grandes desgraças.»

Aguas mineraes e praias do distrito do Porto.—Segundo um mapa oficial que acaba de ser elaborado no governo civil do distrito do Porto, existem nas localidades abaixo designadas do mesmo distrito, as seguintes nascentes de aguas mineraes:

Concelho de Amarante

Freguezia da Madalena, logar das Caldas, sulfurosas, proprias para o tratamento de molestias de pele, reumatismo e catarros.

Freguezia de S. Gonçalo, logar da Peterata, idem, idem.

Freguezia de S. Verissimo, logar do Pinheiro, idem, idem; logar do Morge, ferreas, para tratamento da chlorose e anemia.

Freguezia de Gatão, logar de Varões, sulfurosas, para tratamento de molestias de pele, reumatismo e catarro.

Freguezia de Anciães, logar de Ramalhoso, ferreas, para tratamento da chlorose e anemia.

Freguezia de Rebordelo, logar de Manquim, idem, idem.

Concelho de Gaia

Freguezia de Mafamude, logar de Santo Ovidio, ferreas, para o tratamento de anemia e chlorose.

Freguezia de Canidelo, logar de S. Paio, idem, idem.

Concelho do Marco de Canavezes

Freguezia de Sobre-Tamega, logar das Caldas de Canavezes, termaes, para tratamento de aféções herpeticas, reumatismo, gota e paralisias parciaes; internamente nas gastrites cronicas e hepatites.

Concelho de Penafiel

Freguezia de Lagares, logar do Monte das Aguas Ferreas, ferruginosas carbonatadas, para tratamento de anemias ligadas a outras aféções, menorrhea, dismenorrhea, lecorrhea, metrorrhagias ligadas a discrasias curaveis, chloro-anemias, metrites cronicas, dispepsias atonicas, etc., contra-indicadas nas gastralgias e gastro-interalgias; em estados catarraes pronunciados do estomago ou intestinos.

Freguezia de Eja, logar de Entre-os-Rios, sulfurosas, para tratamento de inflamações cronicas das mucosas, principalmente dos orgãos respiratorios.

Concelho da Povoa de Varzim

Freguezia de Laundos, logar das Aguas Ferreas, ferruginosas, para o tratamento de chloroses, anemias e dispepsias.

Concelho de Santo Thirso

Freguezia de Areias, logar de Caldelas ou Barreiro, sulfurosas, para o tratamento de aféções da pelle e catarro.

Freguezia de S. Miguel das Aves, logar de Amieiro Gallego, para o tratamento de molestias de pele.

Concelho de Valongo

Freguezia de Alfena, logar de Cabeda, ferreas, para o tratamento de anemias.

Concelho de Villa do Conde

Freguezia de Bagunte, logar do Outeiro, ferreas, para o tratamento de amenorrhea, chlorose, chloro-anemia, dispepsias, etc.

Freguezia de Fornelo, idem, idem.

Freguezia de Tougues, logar de Fonte Pedrinha, idem, idem.

Freguezia de Vilar de Pinheiro, logar das Aguas Ferreas, idem, idem.

— As praias do distrito, onde se tomam banhos de mar, são:

No concelho de Bouças: Leça da Palmeira, Matosinhos e Carreiros; no da Povoa de Varzim: na vila; no de Vila do Conde: na vila; no do Porto: em S. João da Foz; e no de Gaia: em Lavadores, Madalena, Valadares e Granja.

Porto de Leixões.—Têm progredido sensivelmente as obras do porto de Leixões, onde se trabalha consecutivamente mesmo nos dias santificados. O comprimento do molhe do norte construido até 31 de agosto ultimo, é 389,10; o comprimento do molhe do sul até á referida data, é de 417,20.

Ponte sobre o Minho.—A comissão internacional da ponte sobre o Minho, por parte de Portugal, a que preside o distinto engenheiro sr. conselheiro João Joaquim de Matos, devia conferenciar hoje em Valença com um engenheiro enviado pelo governo hespanhol para se ultimarem os trabalhos respeitantes áquella importante obra de arte.

Pesca no Algarve.—Tem tomado grande desenvolvimento em todo o litoral do Algarve, e especialmente na costa de Lagos, a pesca de crustaceos, tendo preferencia a lagosta. O ano passado, alguns navios francezes foram ali encher os seus viveiros, e este ano, a casa comercial Batayoles & C.ª, de Marselha, mandou um comissionado, o sr. Paul Batayoles, a fim de realisar nos mercados d'aquela provincia importantes compras.

Novas de Fouge

O infante D. Augusto em Paris.—O sr. conde de Valbom, nosso representante em Paris, ofereceu no sabado um almoço em honra do sr. infante D. Augusto. Assistiram, além dos srs. condes, sua filha, seu filho e o sr. Carlos Lobo de Avila, o sr. conde da Silva Azevedo, 1.º secretario da legação, visconde de Pernes e barão de Alcochete.

A's duas horas reuniram-se nas salas do sr. conde de Valbom os principaes membros da colonia portugueza em Paris.

O palacio de Chantili.—Annuncia o *Figaro*, que o sr. Burdet Couts, e sua esposa, residentes em Londres, vão tomar de arrendamento, por 15 annos, o palacio de Chantilí. Quando sucedeu o primeiro desterro da familia de de Orleans, este famoso banqueiro comprou o palacio e as suas dependencias: agora limita-se a alugal-o. Nota-se o procedimento d'outr'ora do sr. Burdet Couts, e o actual.

O duque de Aumale, estava ha poucos dias em Londres; tendo regressado de visitar as suas magnificas propriedades de Wood-Norton, nas quaes possue terrenos abundantissimos em caça. A caça estava arrendada, mas quando chegou o principe, os *sportmen* inglezes que a disfructavam, foram apresentar-lhe as escripturas de arrendamento, anulando-as, afim de que o nobre desterrado ficasse restituido desde logo, no pleno uso de caçar nos seus dominios.

A basilica de S. João de Latrão.—O Papa Leão XIII está empenhado em introduzir melhoramentos na basilica de S. João de Latrão. Vai desde já mandar restaurar o antigo portico conhecido pelo nome de Porticus Lateranensis; e depois fará restaurar o teto.

Em novembro proximo, no aniversario da dedicação da basilica, tocarão pela primeira vez os dous esplendidos orgãos que estão sendo construidos. Têem 72 registros e 4:568 tubos. Um terá dous teclados e o outro tres.

A nado pelo Niagara.—Desde que o malogrado capitão Web quiz descer a nado as cataratas do Niagara e encontrou a morte n'essa louca tentativa, que uma verdadeira mania de imitação impele os nadadores emeritos a tentar a mesma proeza. Todos tem até hoje tido a sorte do seu modelo, todos, exceto um ex-policia de Baiton, um tal Wiliam Kendal, que acaba de sair vitorioso d'uma luta onde todos os outros tem encontrado a morte.

Milhares de testemunhas assistiram ao feito,—testemunhas aliás pouco suspeitas, por que estavam interessadas, visto que milhares de dolars estavam comprometidos a titulo d'apostas, sobre a cabeça do nadador.

Wiliam Kendal levava apenas em redor da cintura, por unica toilete, umas boias de cortiça. Depois de se ter atirado á agua, não tendo ainda feito uma duzia de braçadas para o meio do rio, que o turbilhão se apoderou d'ele, fazendo o retrogradar para as quedas, trazendo-o depois na contra-corrente para as cataratas. Chegando ao sitio denominado *agua a ferver*, o nadador conseguiu tomar a posição vertical e conserval-a, batendo n agua com os pés e com as mãos. Assim chegou ao primeiro despenhadeiro, onde desapareceu no rodomoinho; mas quasi logo o viram reaparecer na crista espumosa d'uma vaga, sempre agitando as mãos com um movimento rythmico: foi então que começou a terrivel carreira. Kendal procurava conservar-se sempre fóra d'agua, visto estar convencido que o capitão Well tinha esmigalhado a cabeça mergulhando no meio do rodomoinho. Abandonou-se completamente ás cataratas que o rolavam como se fosse uma rolha de cortiça, ora submergindo-o, ora arrojando o a quatro ou cinco metros acima da sua espuma. De repente foi literalmente aspirado pelo turbilhão, desaparecendo durante meio minuto, para ir reaparecer a duzentos ou trezentos metros de distan ia. «Está morto!» gritaram milhares de vozes, sendo esta a impressão de todas as testemunhas da scena, quando viram o seu corpo, aparentemente inanimado, arrebatado por um novo turbilhão.

N'este momento tinha já percorrido em menos de dez minutos uma distancia d'uns mil e duzentos metros. Instantes depois, com grande surpreza de toda a gente, foi visto a nadar para a margem canadiana. Chegou ali em menos de dez minutos, agarrou-se com ancia aos rochedos, faltando-lhe as forças para subir por elles. Correram em seu socorro: estava completamente extenuado. Transportaram-no ao batel, onde o esfregaram vigorosamente, dando-lhe a beber aguardente. Bem depressa tornou a si, e fez a seguinte declaração:

— Ha dias estava eu discutindo com alguns amigos a causa da morte do capitão Web. A minha opinião era que ele morreu por mergulhar contra as rochas, e que um bom nadador podia, com algum favor da fortuna, safar-se bem da empreza conservando-se á flor d'agua. Uma das pessoas presentes disse-me por fim que não duvidava apostar 500 dolar em como a coisa era impossivel. Offereci-me para emprehender pessoalmente a aventura na semana seguinte fazendo uma aposta de 1.000 dolars (900$000 réis). A minha proposta foi logo aceite. Fizeram-se ali mesmo outras apostas, de mais de 10:000 dolars. Eu, á minha parte, já arranjei 2:000 dolars, e espero que alguns amigos que apostaram por mim acrescentarão alguma coisa a esta quantia... Mas, confesso francamente: por coisa nenhuma d'este mundo renovaria a tentativa.

Vi-me sacudido e embrulhado nas cascatas a ponto de já não saber onde estava. O pezo e a força das aguas eram esmagadores. Todo o meu corpo ficou n'uma contusão. Perdi inteiramente a consciencia dos meus átos, e só muito vagamente me recordo de uma serie de cambalhotas involuntarias que dei. Quando cheguei ao segundo turbilhão ainda estava em menos máu estado; mas ao sentir-me levado por uma força irresistivel, girando sobre mim proprio como um pião, disse comigo que tinha feito máu negocio, e n'aquela ocasião teria dado os meus 2:000 dolars para me ver d'ali para fóra; n'este ponto perdi os sentidos, e depois, quando voltei repentinamente a mim, senti-me extenuado. Comtudo, ainda poude comprehender que sem um exforço desesperado estava irremediavelmente perdido; deitei-me de costas e nadei de prancha para a praia... O mais é sabido.»

Os medicos que examinaram Wiliam Kendal dizem que o seu estado não é grave. Apenas está coberto de contusões, e tem o corpo negro ou azul desde a cabeça até aos pés.

O Taner italiano.—Succi continua inabalavel no seu jejum. O ultimo boletim medico, publicado no 18.º dia de jejum, diz:

«Pulso, 72; respiração, 20; dinamometro, 57; temperatura, 37,4; peso, 52k,800 (400 gramas de menos em 24 horas). O pulso é brando mas regular, a reação papilar normal. Energia fisica e inteletual normal. Succi mostra-se mais tranquilo que nos dias precedentes. Dormiu oito horas e um quarto durante a noute e uma hora durante o dia. Bebeu 650 gramas de agua de Vichy, das quaes rejeitou 300 gramas voluntariamente.»

Succi fez á comissão a seguinte declaração: «Como não entra na minha experiencia nem mistificação nem charlatanismo, exijo que se publique a analyse quimica feita no laboratorio de quimica do Grande Hospital.»

No 18.º dia de jejum, Succi deu durante 35 minutos um passeio a passo ginastico sem se deter. Subia e descia as escadas lateraes da cascata do jardim publico, saltando facilmente dous ou tres degraus ao mesmo tempo.

Um medico da provincia de Catania escreveu á comissão para que peça a Succi que coloque a explicação do seu segredo em um cofresito e que o confie a um homem de sciencia, para que não se perca no caso de morte subita.

Succi avisou o publico que perseguirá todo aquele que se servir do seu nome em peças de teatro, para batisar licores, bebidas higienicas, etc, ou quem vender o seu retrato em litografia ou fotografia.

O correspondente do *Jornal de Genebra* em Milão, refere do seguinte modo uma conversação que teve com o Taner italiano:

«Succi conversa com muita animação, mesmo com uma certa excitação nervosa, principalmente quando lhe dizem ou exprimem a conjétura de que a sua resistencia ao jejum é o efeito de um estado patologico.

«A repugnancia a qualquer alimento que se produz muitas vezes no hysterismo, disse-me, é independente da vontade do paciente, emquanto que eu posso prolongar ou interromper o jejum quando quizer.»

Quanto ao famoso licor que produz estes prodigios, parece-me que Succi não gosta muito de falar n'ele. Limitou-se, a meu pedido, a dizer que não encontrou aquele precioso filtro entre as populações selvagens, mas que é um licor da sua propria invenção.

Perguntei-lhe para que serviria o outro licor contido em um pequeno frasco e que ele beberá, segundo me disse, d'aqui a alguns dias.

—Este licor, respondeu-me, serve sómente para confundir os «senhores sabios». Permitir-lhes-ei que o analisem, e hão-de confessar que nenhum homem o poderá beber sem estar de pesse do meu segredo e sem ter bebido do licor que me permite abster-me de alimentos.

—E' algum veneno?

—Não; repito, porém, que ninguem o poderá beber impunemente, emquanto que eu o beberei como se fosse vinho.

Asseverou-me além d'isso que não sentia vontade alguma de comer, e que não experimentava nem apetite nem repugnancia ao lembrar-se das copiosas refeições que se subministrou entre os dois jejuns de Forli e de Milão.

Como lhe exprimisse o receio de que jejuns tão prolongados poderiam sériamente abalar-lhe a saude, respondeu-me que pelo contrario lhe faziam bem, mostrando-se convencido dos bons resultados do seu licor. Veremos o que o tempo dirá.»

Um drama em Paris.—Os jornaes francezes trazem extensos pormenores ácerca d'um drama terrivel que se deu no dia 8 do corrente n'aquela capital.

Na rua de Albony existe uma casa, habitada por mulheres de vida airada, e conhecida no bairro pelo nome de Hotel Boussard. No segundo andar vivia uma rapariguinha trigueirinha, elegante, da idade de 22 anos, chamada Lea Heritier. Ha coisa de um anno, conheceu por infelicidade um rapaz chamado Mario Blanc, que era criado de um hotel na mesma rua. Nos primeiros tempos mostrou-se muito affétuoso para com a Lea; mas não tardou muito tempo que mostrasse os seus ruins instintos. Mario era um vadio e um preguiçoso, o qual desejava apenas viver á custa da sua amiga, sem dedicar-se a trabalho de especie alguma. Não havia dia em que se não suscitassem graves questões, em que tiveram de intervir repetidas vezes varias pessoas da visinhança. Em consequencia d'uma d'estas altercações, Lea denunciou o amante á policia, sendo ele preso e condenado a tres mezes de cadeia. Mario Blanc, concluido o tempo da prisão, saiu de Mazas em 24 de julho ultimo e tratou de procurar a amante, encontrando-a n'uma noite no boulevard Magenta. A pobre rapariga não quiz ouvil-o, e, com muito trabalho, conseguiu refugiar-se na sua casa, escapando ao seu perseguidor. Varias outras vezes a encontrou depois Mario na rua, e, por ameaças, conseguiu apanhar-lhe algum dinheiro, sem, comtudo, tornar a reatar com ela as suas antigas relações.

Não se sabe, porém, como é que Blanc conseguiu introduzir-se na habitação de Lea; o que é certo é que, ao fim de meia hora de ter entrado em casa da rapariga, ouviram-se fortes gritos pedindo socorro, o que despertou a atenção da visinhança, que tratou de arrombar a porta, mas que foi obrigada a recuar apressadamente diante do rewolver com que Mario a ameaçava.

A infeliz Lea não cessava de gritar para que lhe acudissem, pois que a queriam matar! Momentos depois não se ouviu mais rumor. De repente abriu-se a janella do quarto que dá para a rua, e assomou a ela um homem meio louco, em mangas de camisa e o olhar desvairado, o qual agitava em cima dos transeuntes uma cabeça de mulher, cujo sangue caía na calçada. Acto continuo o assassino atou a cabeça da vitima pelos cabelos ao peitoril da janela, e disparou no proprio peito quatro tiros de rewolver.

Mario Blanc acabava de vingar-se da sua amante, e ao mesmo tempo de fazer justiça por suas proprias mãos!

Duelo entre jornalistas. — Verificou-se no dia 10 do corrente um duelo entre os srs. Alexandre Hepp e Tisserand, ambos redátores do *Voltaire*, de Paris. A arma escolhida foi a espada.

Ao terceiro ataque o sr. Alexandre Hepp recebeu uma estocada do seu adversario, introduzindo-se-lhe a espada no braço, emquanto que a sua espada tocava de raspão, ligeiramente, o ante-braço de Tisserand.

Procedendo-se ao exame da ferida de Alexandre Hepp, reconheceu-se de comum acôrdo que se devia suspender o combate.

As testemunhas do primeiro eram os srs. Adolfo Tavernier e Adriac Riegard, e as de Tisserand, os srs. Eugenio Fournier e Victor Masson.

Um convento clandestino.—Referem alguns periodicos de Madrid, e entre elles *La Epoca*, a historia de um convento clandestino que ultimamente se descobriu n'aquela cidade.

Dos esclarecimentos publicados consta que a autoridade já tinha conhecimento da existencia d'aquele convento; mas só agora se soube que um presbitero chamado Arnau arrendára para esse fim uma casa proximo de Riaza. Ali havia recolhido algumas mulheres, de caracter pouco edificante, colocando á frente d'elas uma senhora que parecia ser de sentimentos muito respeitaveis.

Diz-se que n'aquele suposto convento se praticavam bastantes abusos. Assim o supunha a autoridade, mas nada podia fazer porquanto a casa estava estabelecida como se fôra para hospedes. Por outro lado havia dificuldade em obter o necessario mandado judicial. O bispo conhecedor do facto, tambem não tinha alçada para proceder.

Mas ultimamente uma menina que tinha verdadeira vocação para a vida monastica, solicitou do padre Arnau licença para entrar na sua comunidade. O padre exigiu, em primeiro logar 100 pesetas (4 libras); o que ela conseguiu arranjar com muita dificuldade. Admitida aquela menina foi obrigada pelo presbitero Arnau a percorrer as casas particulares para pedir esmola e para vender bilhetes da rifa de um objecto que ella sabia não existir.

A menina obedecendo aos impulsos da sua consciencia réta, não quiz ser cumplice n'aquele roubo, e denunciou o ocorrido á policia.

Preso o presbitero Arnau conseguiu fugir a pretexto de ir buscar dinheiro para constituir a fiança que se lhe exigia. A suposta superiora acha-se no carcere das mulheres, e ella naturalmente esclarecerá com as suas declarações este negocio para se poder instaurar o processo criminal, que não deixará de ser muito curioso pelas circumstancias que se oferecem a respeito do facto!

Abundancia de trigo.—Participam de New-York:

«Segundo os ultimos documentos oficiaes, a produção total de trigo nos Estados Unidos excedeu este ano ao do anterior em dez milhões de hectolitros.»

Achado precioso.—Um periodico de Cincinati (Estados-Unidos), refere que um trabalhador d'aquela cidade encontrou n'um dos ultimos dias em uma rua onde estava quebrando cascalho, um diamante de 82 1|2 quilates de peso e de um valor de mais de 500:000 francos. Supõe-se que esta pedra preciosa seja a mesma que perdeu em 1806 uma senhora Clark, n'uma viagem feita á ilha Blennerbasset, e que tal preciosidade se achasse misturada com os seixos trasladados recentemente da dita ilha para Cincinati e que foram empregados no empedramento das ruas.

OS VINHOS PORTUGUEZES EM FRANÇA

Ill.ma e ex.mo sr.—A importação de vinho portuguez n'este mercado, durante o ano de 1885, foi como consta da nota seguinte:

	Litros
Vinhos ordinarios em... casos.....	69.345:868
Vinhos ordinarios em garrafas.....	7:552
Vinhos licorosos em cascos.....	193:010
Vinhos licorosos em garrafas.....	3:470
	69:549:9000

Comquanto este resultado seja realmente extraordinario, será sem duvida excedido ainda no ano corrente, a julgar pela importação dos mezes de janeiro, fevereiro e março, que subiu a litros 32.253:910.

Em egual periodo de 1885, fôra de litros 18.952:029.

Em visia d'estes algarismos, não me parece excessivo o contar com uma importação superior a 1.000$000 de hetolitros para os quatros trimestres de 1886.

Atualmente o mercado acha se em calmaria perfeita. Continuam a chegar carregamentos consideraveis, mas que representam operações já feitas ha mezes, e para cujas entregas se vão vencendo sucessivamente os prasos de antemão fixados. O movimento maritimo começa no entanto a áfrouxar. Já varios vapores sahiram da carreira, uma linha cessou totalmente as suas operações. Sente-se a aproximação do periodo estival, durante o qual, mais talvez aqui do que em qual quer outro mercado, se produz uma interrução quasi completa na vida comercial.

Os preços apresentam-se baixos para as qualidades inferiores e medias; mas teem-se mantido elevados para os vinhos excepcionalmente bons nas raras transações, que se vão fazendo. O preço de 550 francos o tonel, foi attingindo em algumas vendas de que tive conhecimento; devo acrescentar que se tratava de lotes pouco avultados. A media oscila de 425 a 480, mas como já disse' as transações são diminutas e todo o movimento se cifra em receber e entregar os carregamentos que vão chegando. *A campanha* de 1885 está finda.

Antes de proseguir na serie de considerações que sobre o assunto momentoso da nossa exportação vinicola vou ter a honra de submeter a v. ex.ª, cabe-me o agradavel dever de participar-lhe que as medidas energicas, adotadas pelo governo por ocasião dos casos de falsificação de vinhos remetidos para este porto, deram o mais satisfatorio resultado. Embora tenha sido e continue a ser extremamente rigoso o serviço de fiscalisação por parte da alfandega de Bordeus, em cujo laboratorio se examinam quotidianamente amostras de quasi todos os vinhos que se propõe á importação, nenhuma outra adulteração de egual carater foi reconhecida em produtos de origem portugueza, tendo havido apenas, por excesso de zelo talvez, suspeita de que um pequeno lote de cinco cascos continvesse materias córantes, estranhas á composição natural do vinho, o que deu logar a analyses repetidas que em definitivo estabeleceram a inocuidade absoluta do produto, em virtude do que foi admitido a consumo.

Não fizeram grande abalo n'este mercado os lamentaveis casos que se deram, devido isto sem duvida á circumstancia de os jornaes d'aqui negarem publicidade a acontecimentos d'essa ordem, o que forçosamente circumscreve em pequeno limite o publico em que essas noticias se divulgam; e tambem ao fato de serem relativamente pouco avultadas as remessas de vinho falsificado, pois se viessem a repetir-se e em maior escala, de certo não passariam despercebidas.

Se julgo dever mencionar esta circumstancia é para o fim de tranquilisar o espirito dos que julgaram irremediavelmente perdido o nosso comercio de exportação pelo fato de haverem dois ou tres traficantes—refiro-me aos verdadeiros autores da fraude—sacrificado o pondunor do seu nome á avidez da ganancia—e para socegar o animo do grande numero, direi da quasi totalidade de honestos e laboriosos produtores do nosso paiz, que por certo recearam um momento verem-se envolvidos n'um descredito geral lançado sobre os nossos vinhos.

Devo, porém, acrescentar em corrétivo ao que esta informação poderia crear de ilusões no espirito dos distituidos de escrupulo—que os fátos que se deram tiveram como resultado fazer redobrar a vigilancia do serviço especial que se acha encarregado de descobrir taes fraudes e que de uma reincidencia no mesmo delito só lucrariam uma nova lição mais dura ainda talvez do que a primeira.

De facto, a tendencia geral dos espiritos é para uma repressão mais severa d'estes atentatados, tendencia que se tem manifestado em representações numerosas por parte das camaras, do comercio e associações locaes, pedindo ao governo que ordene a destruição completa dos generos reconhecidamente adulterados. Tem dado logar a este movimento, aliás muito justificado, as repetidas falsificações de vinhos hespanhoes, alguns dos quaes só tem de vinho o nome, e não são mais do que pretextos mal disfaçados por meio de colorações extravagantes para se introduzir em França, a maior quantidade possivel de alcool alemão. E' mesmo para combater essa invasão clandestina de alcool estrangeiro que o sr. Sadi Carnot apresentou ás camaras um projéto de lei reduzindo de 15° a 20° (na pratica de 15°,9 a 12° 9) o limite para a taxação interna dos vinhos de qualquer procedencia; assumpto sobre o qual tive a honra de expor desenvolvidamente as minhas idéas a v. ex.ª no meu relatorio, em data de 4 de abril do corrente anno.

As noticias do estado das vinhas na Girond e mais particularmente no Médoc são satisfatorias. As geadas de abril não fizeram estragos tão crueis como de costume. A vegetação está bastante adiantada e se não sobreviverem intemperies muito violentas é de esperar que a colheita de 1886 seja, pelo menos, em qualidade superior á dos anos procedentes.

Seria de grande vantagem para nós que estes prognosticos se realisassem. Póde á primeira vista parecer paradoxo esta opinião; mas quem se desprender do estreito ponto de vista de que a nossa prosperidade está dependente da ruina absoluta de vinhedos francezes, comprehenderá facilmente que teremos tudo a lucrar com uma boa colheita em França. Seria ela para este paiz o signal de um recrudescimento de transações com o estrangeiro, que se tem retrahido nas suas compras estes ultimos anos, em vista da qualidado inferior da produção; o que se prova pelas estatisticas oficiaes que accusam uma diminuição progressiva na exportação de vinhos por este porto.

A reabertura franca e larga dos mercados de importação daria um novo impulso á vida comercial, assegurando saída facil a toda a produção por mais abundante que ela fosse.

Além d'esta vantagem haveria tambem a não menos importancia da cessação, ou pelo menos da atenuação da crise que ha anos a esta parte entorpece e paralisa todas as energias d'este paiz. Uma boa colheita reanimaria todas as esperanças, afastaria todos os negros pressentimentos, traria de novo a este povo, já de si impressionavel, e que os successivos revezes dos ultimos anos teem abatido justificadamente, a confiança de que ele necessita para viver, para lutar, para trabalhar.

O aumento da riqueza publica farse-hia sentir na consolidação de credito; veriamos sem duvida diminuir este numero assustador de falencias quasi quotidianas, espétaculo de natureza a esmorecer as melhores vontades e os animos mais emprehendedores. A um renascimento de credito corresponderia como sempre maior átividade, maior ousadia, maior fraqueza nas operações do comercio e agora que o nosso paiz tem o seu nome feito não só n'este como em varios outros mercados da França, que ha relações estreitas, interesses importantissimos não já a crear, mas radicados e desenvolvidos por alguns anos de excepcional cooperação, ele não deixaria de ter uma larga parte na irradiação d'essa átividade renascente que o iria procurar e fecundar tambem.

E' um erro supor que uma boa colheita em França teria como consequencia imediata uma diminuição na importação de vinhos estrangeiros. E' preciso ter em vista que a expressão—*uma boa*

Folhetim

O ANJO DA GUARDA

Era uma formosa manhã do outono.

Lá em baixo, na estrada distrital que vae de Lagos a Faro, e não longe da povoação de Estombar, via-se aproximar lentamente uma grande massa de homens, de calça branca e de espingarda ao hombro, em cujos metaes o sol nascente produzia mil scintilações d'um brilhantismo que ofuscava. Era uma força de infanteria 15, que marchava para Faro.

A manhã não podia estar formosa. A atmosféra parecia embalsamada pelo aroma delicioso que exhalavam os frutos e flores que ladeavam a estada. Aqui viam-se formosas macieiras cujos ramos pendiam para a terra com o peso dos seus frutos rubicundos; ali, esplendidos pecegueiros estendiam os seus braços carregados de magnificos pecegos cobertos de uma penugem fina e delicada, e parecendo a pele assetinada ee formosa virgem; mais além, magnificos meloaes apresentavam os seus enormes frutos de cores variegadas, alguns d'um amarelo-cidra, exhalando um suave perfume e convidando o paladar do menos guloso a proval-os; e por toda a parte, d'um e outro lado da estrada, vastissimas vinhas atapetavam o chão, com o denso folhedo das suas vides, algumas das quaes se elevavam, trepando pelas ameixoeiras e pelas oliveiras, formando grinaldas de verdura d'um aspecto encantador. E no meio de todo este labirinto de folhas, flores e frutos, pousando os seus vastos ramos sobre os areaes elevava-se a figueira magestosa e altiva, como conscia do seu berço, orgulhosa de ter sido com as suas folhas que o primeiro homem e a primeira mulher se cobriram. Ela, a mais prediléta filha do Algarve, a matrona respeitavel e dadivosa, a rainha das arvores algarvias, debaixo de cujo manto se abrigam mais de duzentos mil algarvios, tambem precisa oferecer ao viandante os seus frutos constituidos pela mais fina e delicada polpa, e do certo o mais saboroso que ha na natureza.

Mas eis que passo o destacamento, e, emquanto nós saboreamos um d'estes belos frutos, ouçamos, se é possivel, o que diz a soldadesca.

Tem a palavra um soldado ainda novo, imberbe, e que parece extenuado de fadiga.

— O' camaradas! diz elle. Isto é de morrer! E' a primeira vez que faço uma marcha a pé, e nunca pensei que me custasse tanto! Eu podia, talvez, quando sahimos de Lagos, conseguir que o nosso capitão me deixasse meter alguma roupa no carro das bagagens, mas, como quero seguir na carreira militar, desejava saber, praticamente, o que isto custa, para melhor apreciar, quando for oficial. Mas estou arrependido de não ter pedido a licença, porque isto custa como o demonio!

— Ainda agora a procissão vae na praça! disse um soldado, acenando tristemente a cabeça.

— O que mais me custa, replicou o galucho, é esta maldita patrona, que me derreia. Este trambolho continuamente a boter-me nos quadris, a cada passo que dou, é um suplicio! Se os ferozes inquisidores teem sabido o que isto custa, aposto que, quando mandassem as suas vitimas para as fogueiras, punham-lhes a patrona! Que inferno isto é! Ainda bem que está nomeada uma comissão para estudar quaes as modificações que são necessarias no equipamento. A patrona deve ser abolida. Ponham os cartuxos n'outra parte.

— Olá camaradinha, disse o 49 da 1.ª, um soldado de bigode grisalho e olhos vivos; vê-se bem que o amigo é galucho! Ainda tem ilusões! Como é ingenuo o galuchinho! Ha mais de vinte e cinco anos que eu cá estou, e já se dizia: a patrona é impossivel; e assim se tem dito de muitos outros artigos, e eles cá estão ainda ás minhas costas. Teem sido nomeadas comissões e mais comissões, e... quartel geral em Abrantes. As comissões nada teem resolvido, e não sabe porque? Eu lhe vou dizer. Mas, antes de tudo, peço-lhe me não julgue mau soldado pelo facto de dizer a verdade núa e crúa. Eu sei, perfeitamente, o que dizem os n.os 21 e 36 dos deveres militares, mas a *verdade e nada mais, e a verdade e nada menos*, como dizia o Rademaker quando andava ahi pela provincia. E a prova de que não sou *má praça*, é esta medalha que trago ao peito, ganha sem favor. Quer, pois, saber a razão porque as comissões ha tanto estudam, sem nada resolverem? E' porque os seus membros nunca carregaram com uma mochila, e, n'estes assumptos, mais sabe um soldado velho, que um oficial novo. Se elles bem soubessem o que é isto de carregar um homem com o capote, com o casaco, tres camisas, tres pares de calças, duas ceroulas, dois pares de botins, toalhas, escovas, sacos, e o inferno, e ainda mais a espingarda e bayoneta, e por cima, ou antes, por baixo d'isto tudo, pendurada, como n'um cabide de ganchos de ferro, uma maldita patrona, afianço-lhe, meu camaradinha, que ha muito teriam modificado o equipamento—salvo, se não tivessem dó do infeliz soldado, o que não posso acreditar.

— Quando você se queixa, e é um soldado velho n'isto, o que fará uma creança como eu!

— Sabe Deus o que por cá vae, amigo. Pensa então que ha por ahi alguem que possa, sem grande *sacrificio*, aguentar estas correias que nos apertam o peito, como um espartilho de aço, e tudo isto que nada tem de prático? Sabe o que eu fazia quando, no tempo da Maria da Fonte, entravamos em fogo?

— O que fazia?

— Pedia ao meu camarada, *cerra fila*, que me désse uma navalhada... nas correias, e tudo ia parar ao chão, para ficar mais leve. Creia, meu camaradinha, que é preciso um homem de *coração* para nos salvar d'este suplicio.—Mas *leva de rumor*, que o nosso capitão vem ahi.

Efetivamente, era o capitão que passava para a frente da força, no seu cavalo. Era um homem tal ez de cincoenta anos, bigode e pera grisalhos, rosto sulcado de rugas e olhar severo. Levava assentada, adiante de si, uma formosissima creança, que deveria ter uns seis anos. Os olhos d'aquele anjo eram azues, e havia no seu olhar uma tal suavidade que enfeitiçava. Os cabelos loiros caíam em aneis sobre os hombros de uma alvura deslumbrante. As mãos pequeninas e roliças davam vontade de as encher de beijos.

Apenas o capitão passou, disse o soldado que acabava de falar:

— Não sabem, rapazes! Vamos ter uma marcha famosa. Não ha-de haver novidade, creiam.

— Porque?

— Porque levamos na nossa companhia o *Anjo da Guarda*.

— O anjo da guarda? Ora essa! Quem é então o anjo da guarda?

— E' a netinha do nosso capitão. Vocês não imaginam a protéção que nos póde dar aquele pedacinho de gente, que para os avós são pedaços da sua alma. Não vês como ele vae todo *concho* com aquele anjinho? Se não fosse a netinha, já ele nos tinha ralhado duzias de vezes! Mas que sêde que eu tenho! Desde Estombar que venho com sêde e dava uma boa continha por uma gota de agua.

— Já agora em chegando á Lagoa.

— Não sei se poderei lá chegar. A vista d'estes magnificos cachos que ladeiam a estrada, mais me provoca a sêde!

E, com efeito, era admiravel a vista das vides carregadas de magnificos cachos. Ali estavam uns de côr dourada, tentando os mais indiferentes aos bons bocados; além, outros de bela *negra mole*, vermelhos como bagos de romã; mais além, magnificos cachos de *boal* desafiavam o apetite dos viandantes, e todos os olhos se fitavam n'aquelas maravilhas com a mais devorada cubiça.

De repente o nosso conhecido soldado velho fica embasbacado a olhar para um magnifico cacho de *moscatel*, que parecia ali posto de proposito para tentar algum santo. Os bagos pareciam pequenas cabaças cheias de precioso assucar. Estavam mesmo a dizer: passageiros, trincae-me.

— O' camaradas, disse ele, quanto valerá aquele cacho?

— Um tostão, disseram algumas vozes.

— Venha um pedaço de papel, replicou ele.

Déram-lhe um papel, onde ele embrulhou um tostão, e feito isto transpoz a vala que o separava do desejado cacho, aproximou-se-lhe, cortou-o com um pequeno canivete, deixou no mesmo sitio o papel com o tostão, e saltou para a estrada.

Mas n'isto o capitão olhou para a rétaguarda e vê o soldado saltar.

— Sargento! bradou ele, aponte aquele homem para ser rigorosamente castigado.

— Meu capitão! saiba v. s.ª que eu paguei.

— Cale-se! nem mais uma palavra!

— O' 49, então o anjo da guarda?

— Ha-de me valer, creiam-n'o.

E com o cacho na mão aproximou-se pouco a pouco do seu capitão, que afagava a netinha com a mais doce solicitude. Depois colocou-se de fórma a ser visto pela creança, e começou a tirar bago a bago, fazendo ouvir um estalido sêco por cada bago que metia na bóca. A creança voltou-se, e viu o soldado com o cacho. Fez-se-lhe agua na bôca, e os olhos abriram-se-lhe desmedidamente. Voltou os olhos para outra parte, mas logo os tornou a voltar para o soldado que continuava, diabolicamente, a tentar a creança.

— Avósinho! disse ela, com uma voz toda cheia de carinho, eu quero uvas!

— Cala-te, menina, Jesus! que lembrança! Não tenho uvas aqui!

— Avósinho, eu vou chorar! Tenho muita vontade de papar uvas!

— Cala-te e dá cá um beijo.

— Avósinho! dê-me uvas, avósinho, que eu sou muito sua amiga, e dou-lhe muitos beijinhos.

— Não dou; não tenho uvas! não sejas má!

A creança voltou-se para o soldado que lhe mostrou uma esgalha vestida dos mais belos bagos. Estendeu a mão, e o soldado, muito surrateiramente, entregou-lhe a esgalha que ela apanhou com sofreguidão.

— Que belas uvas, avósinho!

— Que é isto? Quem te deu essas uvas?

— Deu-me aquele soldado que tem o bigode *branco como o do avósinho!* Ele é tão meu amigo! Ai! que boas que são estas uvas! Eu son muito, muito amiga do soldado que me deu as uvas. O avósinho tambem é, não é verdade?

— Sou, sim, pequena. E depois disse comsigo: Aquele ainda é dos tempos em que os soldados tinham espirito sem ofenderem! E depois disse:

— O' sargento, sargento!

— Pronto, meu capitão!

— Saiba como foi que o 49 pagou as uvas que ele trouxe da vinha.

— Eu já sei, meu capitão. Saiba v. s.ª que o 49 perguntou ás praças quanto é que valeria o cacho, e todos responderam que um tostão. Embrulhou depois o tostão n'um papel, que deixou no lugar onde estava o cacho.

— O demonio é o homem! Diga-lhe lá que por esta lhe perdôo, mas que não caia n'outra! Paga-a por todas!

— O nosso capitão perdoa-te, 49, mas cuidado! disse o sargento.

— Obrigado, meu capitão! Mas peço um favor ainda, disse o 49.

— Que mais queres?

— Que me dê licença para beijar a menina.

— Lá por isso... ahi está, beija-a.

Então o 49 pegou na creança, que sorria, e levantando-a ao ar, acima da sua cabeça, disse, com os olhos marejados de lagrimas:

— Rapazes! Viva o nosso anjo da guarda!

— Viva! responderam os seus camaradas.

ALMANSOR.

colheita—já não póde ter a significação absoluta que teve, por exemplo, pela ultima vez em 1875 quando se traduziu por uma produção de mais de 80.000:000 hectolitros.

Uma colheita d'esta ordem é o resultado de um agrupamento de circumstancias tão excécionaes que só de largo em largo periodo faz o acaso que venham a coincidir.

Os estragos produzidos desde então pelo filoxera e pelo *mildew*, não falando já em outros flagelos de importancia menor, tornaram impossivel por um lapso de tempo sem duvida muito prolongado a obtenção de um resultado mesmo aproximativo. Mas entre essa prodigiosa abundancia e a miseria dos ultimos anos, ha margem para um resultado relativamente prospero, que sem aliviar a França da necessidade inelutavel de recorrer ao auxilio da importação estrangeira, lhe abriria de novo os mercados de exportação que pouco e pouco se lhe tem tornado mais e mais dificeis e lhe asseguraria sahida facil e remuneradora não só para os seus vinhos de luxo como tambem para os seus vinhos de pasto para cujo fabrico ela não poderá dispensar os nossos.

Como se prepara e se apresenta a *campanha* proximo futura?

A meu ver, o modo porque ela será conduzida diferirá muito da fórma porque foi conduzida a ultima. Esta caratérisou-se sobretudo pela precipitação imprudente com que uma turba de agentes enviados d'aqui e em geral pouco entendidos no assumto, se lançou ao assalto da propriedade, rivalisando entre si n'um ardor de competencia que deu a certas transações a feição particular de um leilão em que a mercadoria era adjudicada a quem lançava mais. O nosso paiz foi percorrido em todas as diréções por grupos de emissarios com ordem de comprarem tudo quanto aparecesse quasi sem limite de preço. Seguiram-se os fenomenos naturaes. A concorrencia produziu a alta imediata. As boa qualidades foram arrebatadas logo no primeiro encontro. Os que vieram mais tarde já encontraram só o refugo e quando este começou a escassear, tratou-se de se lhe prolongar a existencia por meio de desdobramentos e operações de adega em que naturalmente se atendia mais á quantidade a obter do que á qualidade a salvaguardar.

Feitas as suas compras nas condições acima indicadas, o comercio bordelez começou a procurar-lhes saida. Esta, porém, é que se não apresentou tão facil como se esperava e não correspondeu a animação do principio. A esperança de uma baixa de preços mais que provavel, fez com que o *produto* bordelez sobreestivesse nas suas acquisições, esperando ocasião melhor. Entretanto as entregas continuavam fabrilmente; todos os dias vapores e vapores encimam os caes com poderosos carregamentos que era necessario recolher ao Entrepôt, o que demandava despezas, e onerava a mercadoria; o vencimento das letras aproximava-se. Que fazer?

O que se fez. A baixa produziu-se tanto maior quanto mais esperada. Era necessario *realisar*, e realisou-se com perda grande, por preço inferior muitas vezes ao preço da compra, sacrificando-se, não já o ganho, mas todas as despezas até o embarque, o frete, os direitos, o juro e mil outros gastos menores que acompanham esta especie de comercio. Alguns negociantes chegaram a ir procurar em Portugal revenda para o produto lá adquirido. Foi sobretudo nas qualidades medias e inferiores, justamente por serem as mais abundantes, que se observou depreciação maior. Os vinhos excepcionalmente bons, mantiveram, como já disse, os seus preços.

A campanha de 1885 não foi portanto extremamente vantajosa para o comercio bordelez. A precipitação do principio foi a causa d'este resultado, que não póde deixar de influir nas operações futuras. Se a maioria, porem, é de descendentes (muitos mesmo de entre eles livram-se bem de revelar que o estão), ha tambem um numero importante de favorecidos para quem o ano findo representa uma data feliz. Foram sobretudo os prudentes e os moderados, os que compraram na esfera dos seus recursos, abstendo-se de especulações desproporcionaes com o seu credito e os seus meios de ação; foram tambem e é justissimo que o fossem, os que lealmente venderam o que haviam comprado sem sofisticações, sem desdobramentos prejudicialissimos com toda a sorte de ingredientes, sem misturas lamentaveis com vinhos de uvas passas, com vinhos brancos tingidos de drogas equivocas, em vista de obter a maior quantidade de liquido vendavel com a menor quantidade de vinho genuino.

Disse ha pouco que o resultado da campanha de 1885 devia influir consideravelmente na que se aproxima. Com efeito, parece-me que se não repetirá, pelo menos pela fórma alucinada que revestiu então, a invasão que presenceamos em fins de setembro e outubro do ano findo. Não julgo todavia que esta perspetiva nos deva inspirar receios, antes espero um ano excécionalmente prospero como o de 1884. Os preços não atingirão talvez os algarismos vertiginosos que atingiram os da colheita passada, mas toda a gente sabe que entre esse maximo e o preço por que o vinho sáe ao produtor, ha margem para um lucro legitimo e amplamente remunerador. Temos grande interesse em vender pela fórma a mais vantajosa, mas o nosso interesse não é menor em que o comprador tire tambem o justo resultado do seu trabalho. Será esse o melhor modo de o cativar, de o atrair, de o fixar. Se podessemos sempre ditar a lei, se tivessemos garantida a dominação absoluta d'este mercado, compreender-se ia que nos aproveitassemos até o ultimo limite das vantagens d'essa situação excécional, comquanto o abuso fosse sempre pouco recomendavel; mas devemos lembrar-nos de que temos concorrentes temiveis que, por circumstancias fortuitas, nos deixaram estes dois anos senhores do campo, mas que podem de um momento para o outro vir disputar-nos as posições que nós lhe conquistamos. Uma boa colheita em Hespanha desviará imediatamente para lá uma boa parte da aurea corrente que hoje nos procura, sobretudo se das suas relações com o nosso paiz houver ficado apenas na memoria do comercio bordelez a impressão dos revezes sofridos e de negocios só lucrativos para nós. Convém que nos capacitemos d'isto e que o tenhamos muito em vista, quando houver chegado o periodo das novas transações.

Reaparecerá a meu ver, na *campanha* proxima, uma entidade que no ultimo ano desapareceu por inutil, dadas as relações diretas que se travaram entre o capital e a propriedade. Refiro-me ao intermediario que tão guerreado tem sido e que começa agora a reabilitar-se um pouco, por se reconhecer que os seus serviços não são tão dispensaveis como se afigurava que fossem. Não me refiro sem duvida ao aventureiro especulador, sem credito nem consciencia, que, interpondo-se entre o proprietario e o comprador, procura apenas ludibriar um e outro em proveito proprio; mas sim ao negociante conhecido e honesto, que sem a precipitação de uma compra forçada em curtissimo praso, adquire da propriedade o seu produto em condições reciprocamente vantajosas e lhe dá saida oportuna para o mercado comprador, não de chofre e de roldão por fórma a produzir d'estes engulhos de que a depreciação é a imediata consequencia, mas sim á medida que o mercado o pede e proporcionalmente ás necessidades quo ele manifesta.

O comercio d'aqui comprehenderá quanto lhe é preferivel dirigir-se a casas de reputação assente e de credito seguro, cujos chefes, residindo no paiz onde possuem relações antigas, representam mesmo para com os proprietarios um outro elemento de confiança, não só pelo seu renome pessoal mas pelo seu caráter de permanencia, que jámais podem constituir os emissarios desconhecidos que n'um ano se abatem em chusma sobre uma região, arrebatando tudo seja porque preço fôr, mas que no ano seguinte brilham apenas pela sua ausencia, indo procurar fortuna a outra parte. Porque é necessario comprehender que a maioria d'esses emissarios não possuem interesses ligados ás casas que representam, antes são outros intermediarios nomeadas, cujo lucro é proporcional ás quantidades que compram e que por isso só tratam de comprar o mais possivel, a fim de auferirem mais avultada comissão.

Percebe-se que este sistema está longe de ser vantajoso para o comercio dos dois paizes, para o nosso, pela pouca fixidez e garantia que oferecem negocios feitos com viajantes, pela maior parte desconhecidos, aos quaes devemos sacrificar freguezias antigas e certas; na mira de um maior lucro imediato que ás vezes se traduz em decepções terriveis por ocasião do vencimento das letras; para o de cá, não só pelos gastos avultados das viagens, mas tambem pela economia negativa que resulta do contacto directo com o proprietario que ha de sempre levar mais caro ao freguez estrangeiro, fenomeno economico que se observa de resto em todos os paizes, do que ao comprador nacional que oferece outras garantias e dispõe de outro credito. Para o paiz em geral mais vantajoso será que a comissão mal e pouco nitidamente ganha pelo emissario francez, que, terminadas as compras, se apressa a regressar á sua terra, fique entre nós sob a forma do lucro razoavel e legitimo que o intermediario colhe em premio do seu trabalho.

Acresce a tudo isto uma circumstancia que é muito de atender.

Toda a gente sabe que os nossos vinhos oferecem uma enorma diversidade de typos, separados uns dos outros por dissimilhanças muito sensiveis á degustação. mas susceptiveis de desaparecerem por meio de lotações habilmente dirigidas no sentido de obter typos iguaes, abundantes e regulares. Essas operações demandam em primeiro logar consciencia e escrupulo da parte de quem as pratica, e em seguida um conhecimento especial que só a prática fornece, das exigencias de paladar d'este mercado.

As vendas diretas feitas pelos produtores aos agentes enviados d'aqui dão em resultado que os vinhos desembarcam no caes de Bordeus, taes como sairam da propriedade, apresentando pois as maiores desigualdades de gosto, côr e grau alcoolico, de que resulta uma depreciação correspondente. Com o intermediario esse inconveniente atenua-se, porque é nas suas adegas e sob a sua vigilancia que os vinhos comprados a diferentes proprietarios fundem em lotes copiosos as suas qualidades diversas que entre si se compensam e se equilibram. E' este o segredo do favor com que são acolhidas n'esta praça as marcas dos srs. João de Brito, Cypriano Caleya, Manuel Augusto Pereira e varios outros cuja omissão não significa da minha parte senão a impossibilidade de todos mencionar.

Dir-se-me-ha talvez que a par d'estas e de outras firmas respeitaveis, existe tambem a entidade dubia do *tripoteur* ambicioso, que na escuridão da sua adega prepara com a ajuda dos mais audaciosos expedientes, beberagens inqualificaveis, que vem depois sob a denominação de vinhos portuguezes desacreditar a nossa produção e arruinar o nosso credito.

A existencia d'essas individualidades malfazejas não importa comsigo a supressão da classe inteira. O que deve tentar-se é aniquilal-as por todos os meios, de entre os quaes o mais energico é a intervenção inexoravel dos poderes publicos, todas as vezes que elas transpozerem o limite que separa a manipulação, que póde até melhorar o produto, da falsificação que o converte em droga nociva e venenosa.

De resto, elas possuem já em si o germen da propria ruina pelo descredito em que rapida e inevitavelmente cáem.

Arabescos e Miniaturas

O GUARDA-CHUVA

A sr.ª Oreile era economica. Sabia o valor do dinheiro e possuia um arsenal de principios severos sobre a multiplicação do precioso metal. A criada, como vulgarmente se diz, via bruxa na questão da cosinha e no assunto das compras; a marido, o sr. Oreile, apenas alcançavo uns cobresinhos para as suas despezas miudas, ao cabo de extremas dificuldades. E, comtudo, viviam bem e desafogados, sem filhos; mas a sr.ª Oreile cortava-se lhe a alma quando via sair de casa, para não mais voltar, o seu querido dinheirinho. Metia dó, coitada! Era como que um pedaço de coração, que lhe arrancavam; e todas as vezes que era obrigada a qualquer despeza importante, embora indispensavel, dormia muito mal n'essa noite, e ainda na seguinte.

Oreile repetia constantemente á esposa:

— Deves ser mais larga de mão, mulher, olha que nunca chegamos a comer os nossos rendimentos.

Ella respondia:

— Sabes que mais? ninguem adivinha o que póde acontecer. E' melhor ter de mais que de menos.

Era uma creatura de baixa estatura, quarenta anos, viva, espevitada, cheia de rugas no rosto, muito aceiada e de genio facilmente irritavel.

O marido, lastimava-se a todo o momento das privações, que ela lhe fazia suportar. Algumas havia que se lhe tornavam particularmente penosas, porque o feriam na sua vaidade.

Era um dos mais antigos empregados do ministerio da guerra, e não se aposentara unicamente para obtemperar á vontade da mulher, para aumentar os rendimentos inuteis da casa.

Ora, nos dois ultimos anos, Oreile ia para o ministerio, sobraçando um guarda-chuva velho, usado, no fio, que provocava a risota dos colegas. Agastado, emfim, com a galhofa e os remoques, exigiu da esposa a compra d'um guarda-chuva novo.

Ela acedeu,—comprou um, por oito francos e cincoenta centimos, artigo de *réclame* n'um grande armazem de quinquilherias. Os colegas, vendo este objeto, espalhado em Paris aos milhares, recrudesceram na chalaça e avivaram a troça, e Oreile sofreu horrivelmente. O guarda-chuva não valia nada. Em menos de tres mezes estava inutilisado para o serviço; a hilaridade foi geral no ministerio. Chegaram mesmo a fazer-lhe umas quadras epigramaticas picantes, que desde pela manhã até á noite se ouviam declamar e cantarolar no imenso edificio do ministerio.

Oreile, exasperado, ordenou á mulher que escolhesse outra barraca ambulante, de seda fina, de vinte francos, e que lhe apresentasse a fatura justificativa.

A esposa resignou-se ao sacrificio; comprou um por desoito francos, e declarou, vermelha de irritação, entregando-o ao esposo:

— Tens objeto para cinco annos, pelo menos.

Oreile, triumphante, alcançou um verdadeiro sucesso no ministerio.

A' tarde, quando voltou, a mulher, relanceando um olhar inquieto para o guarda-chuva, disse-lhe:

— Não deves deixar tão apertado o elastico, porque póde cortar a seda. Tem cautela e sê mais cuidadoso; olha que não te compro outro tão cedo.

Tomou o guarda-chuva, desacolchetou o anel e sacudiu-lhe as dobras. Mas, ficou estarrecida de emoção. Um buraquinho redondo, do tamanho d'um grão de milho, apareceu ao meio do guarda chuva. Era uma queimadura de cigarro.

Balbuciou:

— Que é isto?

O marido respondeu tranquilamente, sem olhar:

— Isto, que? Que queres dizer?

A colera apertava-lhe os gorgomilos; mal podia fallar:

— Tu... tu... queimaste... o... o... guarda chuva!... Tu... tu... estás doido! Queres... queres... desgra... çar-nos!

Elle voltou-se, fazendo-se pallido:

— Hein?

— Digo.. digo que... queimaste o guarda-chuva! Põe aqui os olhos!

E, avançando para elle como para o sovar, chegou-lhe violentamente ao nariz a pequenina queimadura circular.

Oreile estava aparvoado, atonito, apopletico, perante a *desgraça*, e gaguejava:

— Hein?... Ora, ora... que é isto? Eu sei cá! Me melem! Eu não fui, palavra de honra, juro que não fui... Não sei nada. Ora, ora! Sei cá que diabo é! Isto! isto!...

Entretanto, ela gritava:

— Aposto que foram brincadeiras lá no ministerio?... Coisas da tua cachimonia! Fizeste de saltimbanco; abriste o para o mostrar! Só tu és capaz de semelhante coisa.

Ele respondeu com brandura:

— Abri-o só uma vez, para mostrar como era bom. Nada mais. Juro, que só uma vez o abri.

Mas ela estava convulsa de furor, e fez uma scena conjugal, que converte o lar domestico mais temivel para um homem pacifico do que um campo de batalha onde chovam balas.

Emfim, ela cerziu um bocadinho de seda. cortado do antigo guarda-chuva, que era de côr diferente, e tapou a queimadura. No dia seguinte, Oreile saiu de casa, levando humildemente debaixo do braço o instrumento concertado. Chegando á repartição, guardou-o no armario, e só pensou no caso como ás vezes se pensa n'uma coisa desagradavel.

Mas, quando n'essa tarde regressou a casa, a mulher tirou-lhe o guarda-chuva das mãos, abriu-o para conhecer do seu estado, e ficou sufocada perante um desastre irreparavel. Estava crivado de buraquinhos, como feitos a bico de alfinete, evidentemente provenientes de queimaduras, como se o polvilhassem das cinzas ardentes de charuto ou de cachimbo. O guarda-chuva estava perdido, irremediavelmente perdido!

Ela contemplava-o sem proferir palavra, demasiado indignada para que a sua garganta deixasse sair a minima imprecação! E elle, tambem, analysando o prejuizo, permanecia estupido, espantado, consternadissimo.

Depois, olharam um para o outro; ele baixou os olhos, e n'um instante recebeu na cara o objeto, despedido pela mão da esposa; e ella, recuperando o dom da fala, e n'um arrebatamento de doida, berrou:

— Mariola! patife! canalha! Fizeste isto de proposito! Pagarás tudo, não tem duvida! Não apanhas mais nenhum...

E a scena recomeçou. Ao cabo d'uma hora de temporal desfeito, ele conseguiu explicar-se. Jurou que não comprehendia nada; que o caso só podia explicar-se por maldade ou vingança; que...

Toque de campainha e ponto final nas suposições. Era um amigo, que vinha jantar com eles.

A sr.ª Oreile contou a coisa. Quanto a comprar outro guarda-chuva, isso não, nada, o marido não teria mais nenhum. Pois!

O amigo argumentou com razão:

— Mas, minha rica senhora, n'esse caso estraga o fato, que vale muito mais.

A creaturinha, sempre furiosa, replicou:

— Então, servir-se-ha d'um guarda-chuva de alpaca. De seda, é que não apanha mais nenhum.

A esta idéa, Oreile revoltou-se.

— Sabes que mais? Peço a minha reforma! Com guarda-chuva de cosinheira ou de moço de recados, é que não vou ao ministerio!

O amigo lembrou:

— Mande pôr-lhe um pano, é negocio pouco dispendioso

A sr.ª Oreile, exasperada, balbuciava:

— São precisos, pelo menos, vinte francos para um pano. Oito francos de concerto, com dezoito francos que custou, vinte e seis francos! Vinte e seis francos por um guarda-chuva, só de quem bate com a cabeça nas paredes. E' demencia!

O amigo, burguez pobre, teve uma inspiração:

— A companhia de seguros que pague. As companhias pagam os objetos incendiados, com tanto que o prejuizo se realise no proprio domicilio.

A este conselho, a creatura irascivel acalmou-se de subito; depois, refletindo um minuto, disse ao marido:

— A'manhã, antes de ir para o ministerio, entrarás no escritorio da *Maternal*, apresentarás o guarda-chuva para se verificar o estado em que se acha e reclamarás a indenisação.

O sr. Oreile teve um sobresalto.

— Isso, nunca! Isso é que eu não faço! São dezoito francos perdidos, que os leve o diabo. Por causa d'isso, não havemos de morrer.

No dia seguinte saiu de bengala. Felizmente, o tempo estava magnifico.

Só em casa, a sr.ª Oreile não podia consolar-se da perda dos seus queridos dezoito francos. O guarda-chuva estava sobre a mesa da casa de jantar, e ela andava á roda, n'um frenesi, sem saber que resolução tomar.

A ideia da companhia de seguros não lhe saía da cabeça, mas tambem não se atrevia a afrontar os olhares zombeteiros dos senhores que a recebessem, porque era timida perante toda a gente, córava por um nada, e entaramelava-se-lhe a lingua quando falava a desconhecidos. Entretanto, a saudade, a mágua dos dezoito francos fazia sofrer como uma cólica. Ela não queria pensar em similhante cousa; mas a recordação d'essa perda martelava-a dolorosamente.

Que fazer, agora? As horas corriam; não atava, nem desatava.

Depois, de repente, como os poltrões que se fazem valentes, tomou esta resolução:

— Irei e veremos. Comigo não se brinca!

Mas, primeiro, teve que preparar o guarda-chuva para que o desastre fosse completo e a causa facil de sustentar. Tirou um fosforo e fez, entre as varetas, uma grande queimadura, larga como a mão; depois rolou delicadamente o que restava da seda e prendeu a fitinha elastica, poz o chaile e o chapéu, e desceu a passos miudinhos a rua de Rivoli, onde se achava a companhia de seguros.

Mas, á medida que se aproximava, ralentava os passos. Que diria? que lhe responderiam?

Olhava os numeros das casas. Ainda tinha de avançar vinte e oito. Muito bem! podia refletir. E cada vez ia menos depressa. Subito, estremeceu.

Estava em frente da porta, sobre a qual brilha em letras douradas: «*A Maternal*, companhia de seguros contra incendios». Já! Parou um momento, anciosa, envergonhada, depois passou, retrocedeu, de novo tornou a passar e outra vez retrocedeu.

Emfim, disse de si para si:

— Não ha quê ver, é preciso entrar. Mais vale cedo quê tarde.

Mas, penetrando na casa, o coração batia-lhe fortemente, sentia-se mal.

Entrou n'uma grande casa, com um largo balcão, cheio de postiguinhos em volta; por cada um d'esses postigos via-se a cabeça de um homem, o resto do corpo mascarado pela *treillage*.

Apareceu um sujeito, com um rolo de papeis. Ela parou e perguntou timidamente:

— Peço desculpa... Tem a bondade, diz-me onde devo dirigir-me para reclamar uma indenisação por objetos incendiados?

O homem respondeu, com timbre sonoro:

— Primeiro, á esquadra. Repartição dos sinistros.

Esta frase ainda a intimidou mais; todo o seu desejo foi sair, fugir, não dizer nada, sacrificar os seus dezoito francos. Mas, ao pensar n'esta soma, voltou-lhe um pouco de coragem, e subiu, afogueada, encalmada, descansando de dois em dois degraus.

No primeiro andar, uma porta, á qual bateu. Uma voz clara gritou:

— Entre!

Ela entrou e achou-se n'uma grande casa onde tres homens, de [illegible], condecorados, solenes, conversava[illegible]

Um d'eles perguntou-lhe:

— Que deseja, minha senhora?

Ela não achava palavras, não sabia que dizer; balbuciou:

— Venho... venho... para... por um sinistro.

O sujeito, muito cortezmente, indicou uma cadeira.

— Queira ter a bondade de se sentar, n'um minuto a atendo.

E, voltando-se para os dois outros, recomeçou a conversação.

— A companhia, meus senhores, entende que não está obrigada a pagar-lhes mais do que quatrocentos mil francos. Não podemos admitir os seus pretendidos direitos quanto aos cem mil francos, que reclamam a mais. Além de que, vê se pelas avaliações...

Um dos dois interrompeu:

— Não é preciso mais, senhor. Apelaremos para os tribunaes. Só nos resta retirarmo-nos.

Sairam, depois de muitos cumprimentos ceremoniosos.

Oh! se tivesse coragem de sair tambem, acompanhal-os-ia; fugiria, abandonando tudo! Mas, podia fazel-o? O sujeito voltou e inclinando-se:

— Que posso fazer em seu serviço, minha senhora?

Ela articulou penosamente:

— Venho para... para isto.

O diretor baixou os olhos, com ingenuo espanto, para o objéto que se lhe apresentava. Ela tentava, trémula de mão, soltar o elastico. Depois de alguns esforços, conseguiu-o, e abriu bruscamente o esfarrapado esqueleto do guarda-chuva.

O homem pronunciou, em tom compadecido:

— Parece-me bem doente.

Ela declarou com hesitação:

— Aqui onde o vê, custou-me vinte francos.

Ele ficou admirado.

— Realmente! Bom dinheiro.

— Exáto, mas era excelente; muito bem feito. Desejava que se dignasse verificar o seu estado.

— Bem vejo, vejo perfeitamente. Está pronto. Mas, não sei a que proposito isso me diga respeito.

A inquietação entrou-lhe no animo.

Talvez a companhia não indenisasse os objétos miudos e disse:

— Mas... está queimado...

O sujeito não negou:

— Não ha duvida.

Ela ficou de boca aberta, sem saber que dizer; depois, repentinamente, comprehendendo o seu esquecimento, proferiu com precipitação:

— Sou a sr.ª Oreile. Temos seguro na *Maternal*, e vendo reclamar o preço d'este prejuizo.

E ajuntou logo, com receio de recusa formal:

— Peço unicamente que lhe mandem por um pano.

O diretor, embaraçado, declarou:

— Mas... minha senhora, nós não somos fabricantes de guarda-chuvas. Não podemos encarregar-nos d'esse genero de reparações.

A creatura sentia voltar-lhe todo o seu *aplomb*. Era preciso lutár. Bem, lutaria! Perdeu todo o medo, e replicou.

— Peço unicamente o preço da reparação. Eu me encarrego de lhe mandar pôr o pano.

O sujeito parecia confuso:

— Realmente, minha senhora, é bem pouco. Ninguem até hoje nos tem exigido indemnisações por acidentes de tão minima importancia. Concorde, que não podemos reembolsar os lenços, as luvas, as escovas, as vassouras, as rodilhas, todas essas miudezas e insignificancias, que todos os dias estão expostas ás avarias da chama ou aos descuidos com o lume.

Ela fez-se vermelha, sentindo o calor da colera:

— Mas, senhor, no mez de dezembro do ano passado, tivemos fogo em casa, na chaminé, e os prejuizos não foram menos de quinhentos francos. Meu marido não fez reclamação alguma á companhia; e por isso, hoje, é justo, justissimo, que ao menos me pague o guarda-chuva!

O director, percebendo a mentira, replicou, sorrindo:

— Confesse, minha senhora, que é realmente espantoso que o sr. Oreile, não tendo reclamado por um prejuizo de quinhentos francos, reclame agora a indemnisação de cinco ou seis francos por um guarda-chuva.

Ela não se perturbou e objétou:

— Perdão... O prejuizo de quinhentos francos era para a bolsa de meu marido; em quanto que o prejuizo de dezoito francos é com a bolsinha de sua mulher,—o que faz muita diferença.

O diretor viu que não se desembaraçaria da reclamante, que perderia o seu precioso tempo, e perguntou-lhe com resignação:

— Como foi que aconteceu o desastre?

Ela presentiu a vitória, e desentranhou a historia do sucedido:

— Eu lhe digo como foi... A' entrada de casa, tenho um objéto de bronze, onde se põem os guardas-chuvas e as bengalas de meu marido. Ha dias, vindo de fóra, coloquei este no sitio proprio. Devo dizer-lhe que, justamente por cima, ha uma prateleira, que serve para os candieiros e para os fosforos. Estendi o braço, tirei uma caixa. Fricionei o primeiro, caiu-lhe a massa. Fricionei outro, acendeu, mas apagou-se logo. Com o terceiro fosforo, sucedeu exátamente a mesma coisa. O tempo estava humido...

O diretor interrompeu-a, para uma observação espirituosa:

— Eram phosphoros das fabricas do governo?

Ella não comprehendeu, e continuou:

— Era muito possivel. O caso é que só o quarto pegou e accendi a vella. Fui para a alcova, para me recolher. Não faz idéa de como todo esse dia andei incommodada! Mas, ao cabo d'um quarto de hora, pareceu-me cheirar a chamusco. Ora, eu sempre tive medo de fogo. Oh! se alguma vez tivermos fogo em casa, não será por minha culpa, não! Sobretudo, depois do fogo na chaminé, de que já lhe falei, vivo sempre em sobresaltos. Levantei me, passei á casa de jantar, revistando, cheirando tudo como um perdigueiro, e afinal encontro o guarda-chuva a arder! Provavelmente, a massa incendiada do phosphoro que caiu dentro. Bem vê o desgraçado estado em que ficou...

O diretor, tendo tomado uma resolução, perguntou:

— Em quanto calcula o prejuizo?

Ela perdeu o uso da fala, não se atrevendo a fixar a importancia. Depois disse, querendo mostrar generosidade:

— A companhia que o mande concertar. Tenho toda a confiança nos senhores.

Elle recusou.

— Não, minha senhora, não póde ser. Diga quanto quer.

— Mas... parece que... sim... Olhe, senhor, eu não pretendo especular... Valha-me Deus! Parece-me que podemos fazer uma coisa... Levarei o guarda-chuva ao fabricante, para lhe pôr um bom pano de seda, de seda forte e duravel, e depois trarei a conta. Convém-lhe?

— Perfeitamente, minha senhora. Fica entendido. Aqui tem uma ordem sobre a caixa, para ser indemnisada da despeza.

Passou um papel á sr.ª Oreile, que o guardou com emoção, depois levantou-se e saiu com muitas mesuras de agradecimento. Lá fóra, desatou a andar apressadamente, com medo de que o diretor reconsiderasse.

Entretanto, ia alegremente, procurando um estabelecimento de guarda-chuvas que lhe parecesse elegante. Quando se lhe deparou um estabelecimento *chic* entrou e disse, com voz segura:

— Quero um pano n'este guarda-chuva, de seda, mas seda boa, forte. Recomendo-lhe que seja da melhor. Não faço questão de preço.

(*Trad.*)

AGNELO OSCAR.

Bibliografia

— «*A Illustração Moderna*—Revista d'artes e letras dedicada ás seguintes associações: Real Academia dos Amadores de Musica; Club Dramatico-Musical; Real Ginasio Club Portuguez; Club Ginastico de Lisboa; e Real Associação Naval. A predileção pela musica e ginastica parece querer tomar, no nosso paiz, um certo desenvolvimento que muito honra o bom senso d'aqueles que para isso teem contribuido. Aproveitando os dotes naturaes e a paixão que diversas pessoas nutriam por aquelas duas artes, acham-se fundadas as agremiações acima mencionadas, ás quaes vamos dedicar este nosso modesto trabalho.

Os serviços prestados por esses clubs é bem notorio; não se póde exigir mais n'um paiz em que não são vulgares as aptidões artisticas e onde se deprime o que é nacional para se elevar o estranho sem se saber muitas vezes onde existe desigualdade. Felizmente porém a perseverança dos seus iniciadores tem sido coroada de um exito que sobreleva toda a espetativa, e já que se acha lançado o primeiro fundamento da obra que esses apostolos da arte imaginaram, vimos nós agora tornar os seus nomes conhecidos, historiar o desenvolvimento que tem tido entre nós a musica e a ginastica e contribuir com o nosso minguado auxilio para a consolidação do que está feito. Esta revista, ao mesmo tempo que desempenhar as suas funções de propagadora dos beneficios que facultam as artes—musical e ginastica—no nosso paiz, ocupar-se-ha da literatura, fazendo a critica, sempre desapaixonada, das produções de que receba um exemplar, apresentará ao publico trabalhos dos mais conhecidos e apreciados escritores nacionaes e estrangeiros e conterá tréxos de musica originaes dos maestros mais aplaudidos. Noticiará todo o movimento das Associações a que se dedica, e inserirá a descrição circumstanciada das festas que se efétuarem, contendo tambem uma seção teatral e lirica. Em cada numero será inserido um retrato dos cavalheiros que mais serviços tenham prestado áquelas Associações ou que mais se hajam distinguido nos saraus realisados, abrindo esta nossa galeria com o retrato do ex.mo sr. Filipe Duarte, dignissimo socio iniciador da Real Academia dos Amadores de Musica. Seguir-se-hão os retratos dos seguintes cavalheiros que publicaremos nos subsequentes numeros: ex.mos srs. Antonio Duarte, Luiz Monteiro, Leopoldo Diniz, F. Xafredo, etc., etc.

Condições da assignatura:—Mensalmente será publicado um numero que comprehendará 4 paginas, impresso em magnifico papel, typo novo e com as paginas artisticamente guarnecidas. Os retratos que se publicarem serão em fototipia no formato de carta-abum e executados com o maior esmero pela bem conhecida e acreditada casa Biel & C.ª, do Porto. No fim de cada volume distribuir-se-ha gratuitamente a todos os assignantes o indice, frontespicio, ante-rosto, e uma pagina em relevo que conterá o nome e numero do assignante. Estas paginas serão impressas a ouro e cores.

Preço da assignatura: 24 numeros, 2$000; 12 numeros, 1$000; 6 numeros, 500 reis. No áto da entrega (cada n.º), 100; Avulso (cada n.º), 120 reis. Para as provincias e estrangeiro aumenta o porte do correio. Toda a correspondencia deve ser dirigida a Manuel Lucas Torres, rua do Diario de Noticias, 93 Lisboa.»

— «*A Moda Ilustrada*. Distribuiu-se o n.º 186 correspondente a 15 de setembro.

Este belo jornal de modas para senhoras traz lindissimos figurinos das ultimas novidades parisienses, modelos de chapéos, desenhos, debuxos, moldes, etc., e grande variedade de artigos literarios, charadas, etc. etc.

Assina-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaia, 40 a 52.

Preço do numero avulso, contendo folha de figurinos coloridos, 200 reis.

— «*L'Orgie*.—Publicou *A Bandeira Portugueza* no seu n.º 312, uma magnifica composição para piano *L'Orgie* (scena bacanale) do distinto professor Vargas Junior. Este jornal constitue já um valioso album de musicas escolhidas, e variadas ao alcance de todas as bolsas. Na seção literaria vemos o capitulo X dos «Escandalos da policia de Lisboa», e varios artigos de interesse publico, escritos com grande independencia.

Assignatura, trimestre 700 reis. Assigna-se na rua dos Fanqueiros, 207 1.º Lisboa.«

Parte Oficial

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 13

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Resposta do consul portuguez em Marselha, ao questionario sobre a industria da conserva de sardinhas.

Diario de 14

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Estado da divida flutuante em 31 de agosto ultimo, 11.011:797$750 réis.

Mapas com os balancetes dos diferentes bancos, referidos ao ano de 1884.

Um oficio do consul portuguez, em Bordeus, sobre vinhos portuguezes, e uma nota da exportação dos vinhos de Portugal para Bordeus no ano de 1885.

Diario de 15

Varios despachos já conhecidos.

Concessão de diferentes mercês honorificas.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Telegrafia

Sigmaringen, 13.—Sua magestade el-rei D. Luiz, de Portugal, partiu hoje para Bruxelas.

Paris, 13.—Diz o *Figaro* que o resultado da viagem do rei de Portugal será o casamento de seu filho o infante D. Afonso, duque do Porto, com a princeza D. Luiza, filha mais velha do principe de Gales.

Em Marselha rebentou hontem á meia noute um cartucho de dinamite, que por malvadez fôra introduzido debaixo da porta principal das Dokas. A explosão fez alguns estragos.

Sofia, 13.—Abriu-se hoje a assembleia nacional.

O discurso do sr. Stambuloff, do conselho da regencia, recorda o manifesto do principe Alexandre de Batemberg, dizendo que este renunciou o trono para restabelecer as boas relações entre a Bulgaria e a Russia, sua libertadora; manifesta a convicção de que todos os bulgaros, sem distinção de culto e partido, prestarão o seu concurso ao governo para manter a ordem e a tranquilidade, a fim de que o paiz conserve intátos os seus direitos; e termina por anunciar que em breve praso convocará a grande assembleia.

Antes de se proceder á eleição da meza, um deputado disse que o primeiro pensamento da assembleia devia ser para o principe ausente. Ao ouvir isto, levantou-se toda a assembleia, gritando: «Viva o principe Alexandre!»

Cascaes, 14.—Parece que sua magestade el-rei D. Luiz desembarcará n'esta bahia, indo imediatamente para a cidadela, onde se demorará com a real familia até meiado de outubro.

O cruzador *Afonso de Albuquerque* ficará aqui ás ordens de sua magestade, e a corveta *Estefania* seguirá para Lisboa.

Bruxelas, 14.—Sua magestade el-rei D. Luiz, de Portugal, chegou hoje, ás 11 horas e um quarto da manhã, á estação do caminho de ferro de Luxemburgo, onde foi recebido pelo rei dos belgas. A' chegada do comboio houve uma salva de 21 tiros de artilheria. Os dois soberanos meteram-se em seguida em um coche real e dirigiram-se para o paço, passando lentamente por entre as tropas, que formavam alas em todas as ruas do transito. As bandas militares tocavam o hino nacional portuguez. Era enorme a multidão de povo que acudiu a ver passar o cortejo.

Paris, 14.—Informações recebidas de Sofia, dizem que ha ali tendencia geral para um acordo com a Russia. O *Temps* crê estar proximo um acordo entre os tres imperios, a respeito da Bulgaria. Parece que a Russia convidará brevemente as outras potencias signatarias do tratado de Berlim, a entrarem em negociações sobre este assunto.

O correspondente do *Temps* em Milão, referindo-se a uma entrevista sua com monsenhor Agliardi, diz que este lhe afirmou que o Vaticano tenciona proceder nos negocios da China sempre de armonia com a França.

Constantinopla, 14.—Aumenta todos os dias a irritação da Sublime Porta contra a Inglaterra, por supôr que os armamentos inglezes tem por objéto a anexação da ilha de Chipre e a ocupação da ilha de Créta.

Bruxelas, 14.—O rei de Portugal e o rei dos belgas deram esta tarde um pequeno passeio pela cidade. No paço ha esta noite jantar de gala, seguido de uma *soirée* em honra de sua magestade fidelissima.

Corre o boato de que se trata do casamento do infante D. Afonso de Portugal com a princeza D. Enriqueta, filha mais velha do conde de Flandres.

Sofia, 14.—Não ha ainda confiança reciproca nas relações entre o conselho da regencia e o consulado russo; mas subsiste o desejo de um acordo.

Rio de Janeiro, 14.—Chegou hoje a este porto, vindo da Europa, o paquete *Elbe*, da Companhia da Mala Real Ingleza.

New-York, 15.—O *New-York Herald* anuncia uma tempestade nas costas de França e Inglaterra, entre os dias 17 e 19 do corrente.

Deu-se um choque entre dois comboios no caminho de ferro de Eric ao Niagara, em que ficaram 13 individuos mortos e muitos feridos.

Vienna, 15. — Grassa com grande força o colera na Hungria.

Constantinopla, 15.—As potencias vigiam atentamente os manejos da Inglaterra nos mares da Turquia, com especialidade nas ilhas de Creta e Thasos, onde os inglezes continuam a reunir abastecimentos. Presume-se que a Inglaterra tem em vista a ocupação do grupo de ilheus desertos chamados Lavins e situados á entrada do estreito de Dardanelos.

Paris, 15.—Diz o jornal *La Défense* que o Papa, em presença das multiplas questões de ordem prática suscitadas sobre a imediata execução do seu projéto de relações diplomaticas dirétas com a China, e tomando em consideração certas apreensões e desejos dos catolicos francezes, assim como tambem recentes comunicações, decidiu adiar a partida do seu legado extraordinario para Pekin.

Pernambuco, 14. — Partiu hontem d'este porto com destino á Europa o paquete inglez *Valparaiso*, da Companhia de Navegação do Pacifico.

S. Petersburgo, 15. — O general Kaublars partiu para a Bulgaria, não como comissario, mas simplesmente como agente diplomatico russo em Sofia.

New-York, 16. — Tem sido tão abundante na Marttnica a pesca do bacalhau, que este não vale dois dôlars o quintal.

Bruxelas, 16.—O rei de Portugal e o rei dos belgas foram hoje ao meio dia a Antuerpia visitar as instalações maritimas. Os dois soberanos tiveram n'aquela cidade uma recéção muito calorosa. O rei de Portugal parte ámanhã de manhã para Londros, por via de Ostende.

Rio de Janeiro, 16.—Chegou hoje a este porto, vindo da Europa, o paquete inglez *Cotopaxi*, da Companhia de Navegação do Pacifico,

Sofia, 16.—A assembleia nacional votou hoje um projéto de mensagem ao tzar da Russia, expressando a dedicação profunda do povo bulgaro a sua majestade imperial, manifestando a esperança de que desaparecerá em breve a tensão nas relações da Russia com a Bulgaria, e tambem que o tzar tomará sob a sua protéção a Bulgaria, e favorecerá a união bulgara e a sua independencia.

A assembleia votou depois, por aclamação, a resposta ao discurso da regencia. Esta resposta condena o golpe de estado de 21 de agosto, e convida todos os bulgaros a manter a ordem.

Berlim, 17.—O imperador Guilherme, por ordem dos medicos, voltará no domingo para Bade, sem ir a Metz. Está sofrendo de colicas hepaticas e diarrhéa, em consequencia das fadigas da revista militar de Strasburgo.

Carta de Lisboa

Lisboa, 17 de setembro de 1886.

São inteiramente infundados os boatos de que as camaras seriam convocadas ainda este ano. A oposição já não tendo de que lançar mão, inventa d'estes absurdos. O que lhes posso assegurar é que as eleições de deputados não se hão de fazer esperar muito depois de aberto o parlamento em janeiro, assim como o numero de deputados regeneradores ha de ser forçosamente deminutissimo. A escassez de noticias, que cada vez é maior, é que leva ainda a desmentir os boatos levantados pela oposição e não a importancia que eles tenham, pois essa corre parelhas com a d'ela.

— O duque de Saxe, que é esperado em Lisboa a bordo da corveta *Almirante Barroso*, da marinha imperial brazileira, é o principe Augusto Leopoldo de Bragança Bourbon, segundo filho do duque de Saxe, Luiz Augusto Maria, almirante da marinha imperial do Brazil, e da princeza D. Leopoldina Tereza Francisca de Bragança Bourbon, filha do imperador do Brazil (falecida em 1871). O principe nasceu no Rio de Janeiro a 6 de dezembro de 1867. Pelo lado paterno é sua alteza bisneto de Luiz Filipe, rei dos francezes e sobrinho do falecido rei D. Fernando de Portugal;—pelo lado materno é neto de sua magestade o imperador do Brazil e primo de sua magestade el-rei D. Luiz. O joven principe é oficial da marinha imperial brazileira e anda em viagem de instrução.

— Está anunciada oficialmente a visita que tenciona fazer, em março ou abril proximo, á côrte de Lisboa, sua magestade o rei Oscar da Suecia e sua augusta esposa.

— Consta que se vae organisar em Lisboa uma nova companhia de carros de carreira, que para esse fim acaba de fazer aquisição de alguns carros e já encomendou do estrangeiro cerca de trinta.

— Já começaram as matriculas nos institutos agricola e industrial; as da escola naval principiam no dia 1 de outubro.

— O em.^mo cardeal-patriarca de Lisboa, em a nova organisação do ensino no seminario de Santarem, creará uma cadeira para o curso de arqueologia. Acode assim ao pedido que, em circular aos revd.^mos prelados do reino, fez a Real Associação dos Arquitetos e Arqueologos Portuguezes; e segue o exemplo já dado pelo ilustre bispo de Beja.

— Segundo foi publicado em Plymouth, o vapor de guerra inglez *Victoria and Albert* recebera ordem para sair de Portsmouth, no dia 13 do corrente, dirigindo-se a Flessingue, ficando ás ordens de el-rei de Portugal, para o transportar dirétamente a Plymouth, onde o rei D. Luiz passará para o seu navio, o cruzador *Afonso de Albuquerque*. Quer isto dizer que el-rei largará de Plymouth para Lisboa no dia 20 ou 21 do corrente. Julga-se, comtudo, que sua magestade não deixará de ir, outra vez, a Londres, onde é esperado.

Consta que o sr. D. Luiz vae quinta-feira visitar Antuerpia, na sexta sáe da Belgica, embarcando em Ostende, em diréção a Inglaterra.

— O novo governador de S. Tomé, o sr. Augusto Sarmento, mandou ante-hontem ao sr. ministro da marinha o primeiro telegrama pelo cabo submarino, que ainda não foi aberto ao publico.

— Casou na quarta-feira o filho do sr. José Dias Ferreira com a filha da falecida condessa de Porto Côvo.

— Foi nomeado chefe interino da 2.ª repartição da diréção politica o sr. Simões Ferreira.

— Foram nomeados aspirantes auxiliares dos telegrafos, para fóra de Lisboa e Porto, Manuel Maria Portela Junior, para o quadro de Lisboa, Francisco Jacinto de Moraes; José Duarte Proença para chefe da estação de Albufeira e José Augusto Fernandes da Silva para o Cadaval.

— Foram arbitradas as seguintes retribuições aos encarregados das estações de 3.ª classe abaixo nomeadas: Cabeço de Vide, 4$800 réis anuaes; Pico de Regalados, 24$000 réis: Bemposta de Mogadouro, 12$000 réis; Coja, 9$600 réis; Fajão, 4$800 réis; Feira Nova, 18$000 réis; Barroso, 24$000 réis; e Sepins, 16$000 réis.

— Foi demitido José Simões Bazilio de distribuidor de Sinfaes; foi exonerado Tomaz de Serra e Moura, por abandonar o serviço de 1.º distribuidor de Evora; Marcelino Paulo, foi nomeado guarda-fio de Viana do Castelo; Manoel José Barreira, nomeado chefe da estação de Mertola; Pedro Joaquim Marques, para a Certã; Antonio Dias Tavares e Albano Freire Garcez, para a de Taboa, e para a de Soure nomeado Elisio Macedo; encarregado da estação de Sobrado de Paiva, Antonio José Fernandes; nomeados distribuidores supra-numerarios em Condeixa, Antonio Rodrigues Pato, Joaquim Dias Azevedo e José Rasteiro Novo; Domingos Alves, para a da Feira; José Monteiro, para supra-numerario de distribuidor do Porto; Anibal Vasco Leão, nomeado aspirante auxiliar da mesma cidade; e José Carlos Peres, idem de Lisboa.

— O sr. Manuel Maria Portela Junior, foi nomeado aspirante auxiliar dos telegrafos fóra dos distritos de Lisboa e Porto.

— Principiam no dia 8 de outubro os exames da segunda epoca na escola do exercito, e nos primeiros dias de novembro os exames de habilitações dos alunos que terminaram o curso.

— Está aberta até o dia 15 de outubro, a matricula para a aula de diplomacia, estabelecida no arquivo da Torre do Tombo.

— Recebem-se na direção geral d'instrução publica por espaço de 20 dias, requerimentos de oficiaes inferiores classificados na 1.ª, 2.ª ou 3.ª classe, que pretendam ser providos no logar de continuo da faculdade de filosofia da Universidade, com o ordenado de 200$000 anuaes.

— Foi determinado que as praças devedoras aos conselhos administrativos em resultado das suas contas de fardamento, quando forem licenceadas para a reserva deixem ficar como espolio, sómente o capacete completo, primeiro dolman ou casaco, capote e calças de pano, e que nas guias das praças licenceadas, que ainda ficarem devedoras, se faça mensão dos saldos resultantes, para lhes serem descontados nos seus vencimentos quando forem chamadas á efetividade do serviço.

— Recomendou-se ás juntas de saude a rigorosa observancia no exame e inspeção sanitaria, para se poder evitar a repetição inutil de licenças a individuos que nenhum proveito salutar d'elas tenham tirado, e para evitar que muitos oficiaes estejam afastados do serviço.

— Consta que a legislação vigente sobre a concessão da medalha militar vae ser remodelada.

— Demitiu-se de diretor do muzeu industrial e comercial de Lisboa o sr. Carlos Eugenio d'Almeida, logar que estava exercendo por ser provedor da Casa Pia.

— Deve chegar ámanhã ou depois a Lisboa o senhor infante D. Augusto, que já partiu de Paris.

— Foi já assinado o decreto que nomeia comandante geral da guarda fiscal o tenente-coronel sr. Elyseu Xavier de Sou-e Serpa.

— O diretor geral das alfandegas, sr. conselheiro Peito de Carvalho, visitou ontem a alfandega de Lisboa e tenciona visitar brevemente a do Porto.

— Foi aposentado o sr. Marcos Cosmeli, escrivão de fazenda do bairro ocidental de Lisboa. Tem 60 anos de serviço e 84 de idade.

— *Foi reformado no posto de alferes* o 1.º sargento da guarnição de Macau, sr. Francisco de Aviz.

— Foi anulado o decreto que nomeou farmaceutico do quadro de S. Tomé o sr. Ferreira de Santa Clara, sendo nomeado para esse cargo o farmaceutico sr. Zoïmo Rosa Limpo.

— Consta que o diretor da alfandega do Funchal, sr. Gonçalves de Freitas, vae ser mandado inspecionar as alfandegas açorianas.

— Vai ser permitida a emissão de vales entre a metropole e Cabo Verde.

— Foi nomeado aspirante auxiliar dos correios e telegrafos do Porto o sr. Anibal Vasco Leão.

Y.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

EMPREZA EDITORA—LUCAS & F.º
Rua do Diario de Noticias, 93
LISBOA

DIRETOR LITERARIO

(**Do 5.º volume em deante**)
DR. L. A. ALVES DE FREITAS

BIBLIOTECA DOS POBRES

Publicação instrutiva e amena
UNICA

No seu genero
e sem precedentes em Portugal

Publicação mensal em livros de 64 paginas, custando apenas 60 reis cada livro!

A ALCOVA DAS PRINCEZAS E RAINHAS

Grande romance historico

POR

JULIO BAUJOINT

TRADUCÇÃO DE J. G. COSTA

Scenas escandalosas da vida de diversas princezas e rainhas, em que figuram Cléopatra, Messalina, Joanna, rainha de Jerusalem, Catharina II, da Russia; Leonor Telles, de Portugal; Maria Stuart, Maria de Médicis, Anna d'Austria, e tantas outras rainhas, e que revelando os terriveis mysterios da torre de Nesle, termina em Maria Antonietta, cuja cabeça enbranquecida na prisão n'uma noite de angustia, caiu no cesto da Guilhotina.

10 rs. cada folha de 8 paginas—Estampas a 10 rs.—50 rs. semanaes por 5 folhas ou 4 e uma estampa.

Brindes aos angariadores de 6 a 40 assignaturas.

Dão-se prospectos no escriptorio da Empreza Noites Romanticas, de F. N. Collares—editor, Rua da Atalaya, 18, 1.º—Lisboa—em todas as estações telegraphicase livrarias do reino.

BIBLIOTECA SECRETA

LEITURA SÓ PARA HOMENS

ROMANCE DE UMA ALCOVA

Aventuras galantes
d'uma mulher mundana

Já começou a publicação d'este excelente romance, cada semana publicam-se 4 folhas, o preço é de 10 reis cada folha, gravuras gratis.

Todos os assignantes e correspondentes teem um brinde mensal do valor provavel de 7:000$ ou do valor realisavel de 4$500 reis.

Nas terras onde não ha correspondentes, a assignatura será mensal paga adiantadamente, o assignante deverá remeter a quantia de 200 reis, de 20 folhas, ao gerente da empreza, Lisboa—20 Rua dos Douradores 20.

NOVISSIMA LEGISLAÇÃO

CODIGO ADMINISTRATIVO, approvado por decreto com força de lei de 17 de julho de 1886, copiado fielmente da edição official, revisto com todo o escrupulo, e impresso em bom papel.—Preço 200 reis. Pelo correio, 220 reis.

APOSENTAÇÕES DOS EMPREGADOS CIVIS e reforma dos empregados e operarios são comprehendidos no decreto acerca das aposentações dos empregados civis. Decreto de 17 de julho ae 1886.—Preço 40 reis. Pelo correio, 50 reis.

ORGANISAÇÃO DO SERVIÇO DE FAZENDA nos districtos e concelhos do reino. Approvada por decreto de 23 de julho de 1886.—Preço 40 reis. Pelo correio, 50 reis,

ORGANISAÇÃO DOS SERVIÇOS TECHNICOS DE OBRAS PUBLICAS. Decreto de 24 de julho de 1886.—Preço 60 reis. Pelo correio, 70 reis.

REFORMA DA INSTRUCÇÃO SECUNDARIA. Approvada por decreto de 29 de julho de 1886.—Preço 40 reis. Pelo correio, 50 reis.

REFORMA DA ORGANISAÇÃO JUDICIARIA. Approvada por decreto de 29 de julho de 1886 e regulamento para a execução do referido decreto.—Preço 40 reis. Pelo correio, 50 reis.

ORGANISAÇÃO DO SERVIÇO EXTERNO DOS CORREIOS, TELEGRAPHOS E PHAROES. Approvado por decreto de 29 de julho de 1886.—Preço 100 reis. Pelo correio, 110 reis.

LEI ELEITORAL de 21 de maio de 1884.—Preço 100 reis. Pelo correio, 110 reis.

A' venda na Livraria Gutenberg de Antonio José da Silva Teixeira, rua da Cancella Velha, 64 a 68—PORTO.

A ESTAÇÃO

JORAL ILLUSTRADO DE MODAS
PARA AS FAMILIAS
Preço da assignatura

Um anno	4$000
Seis mezes	2$100
Numero avulso	200

Assigna-se na livraria de E Chardron—Lugan & Geneliox successores Porto.

ANUNCIOS

EDITAL

Rufino Cesar de Souza Monteiro, Vice-Presidente da Camara Municipal do concelho de Aveiro, em exercicio, no impedimento legal do respectivo.

226 FAÇO saber que, no dia 10 do mez de outubro proximo futuro, pelas 10 horas da manhã, se ha-de proceder ao aforamento de umas faxas de terreno baldio municipal, situadas no largo do Rocio, d'esta cidade, e que correm paralelamente a outras já aforadas e aos armazens, que ali se acham construidos, as quaes se acham devidamente indicadas na respétiva planta, que foi superiormente aprovada, com o aforamento das ditas faxas de terreno, por acordão da Comissão Executiva da Junta Geral; e que o mesmo aforamento efétuar-se-ha, em hasta publica, e no local do terreno a aforar.

E para constar se passou o presente e outros de egual teor para serem publicados pela imprensa e afixados nos logares mais publicos do concelho.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal 15 de setembro de 1886.—E eu Manuel Marques, amanuense, servindo de Escrivão da Camara, no impedimento do respétivo, o escrevi.

Servindo de Presidente da Camara, O Vice-Presidente, *Rufino Cesar de Sousa Monteiro.*

AVISO

227 AS pessoas d'esta cidade que tenham a pagar a congrua em Esgueira, podem fazel-o a José Mateus Farto, na rua Direita, que está autorisado a receber.

BALSAMO ODONTALGICO DE MOURA

130 COM o uso d'este balsamo cessam instantaneamente as dores de dentes por mais violentas que sejam. Frasco 200 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

PILULAS PEITORAES DE MOURA

132 ESTE medicamento, de uma composição vegetal e debaixo da fórma de pilulas, o que facilita muitissimo a sua administração, e de uma incontestavel efficacia nabronchites tanto agudas como chronicas, defluxos, tosses, rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dôres de peito, escarros de sangne, etc. Acompanham esta especialidade numerosos attestados que justificam os seus creditos. Caixa 500 reis. Deposito no Porto, Felix & Filho.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

Previne-se o publico, para não ser illudido, que são falsificadas as pilulas em cujas caixas não fôr o nome Felix & Filho.

Quasi de graça

154 POR liquidação se vende com 75 p. c. abaixo do preço da fabrica uma enorme quantidade de relogios e de prata Alfinide, proveniente do quebramento das fabricas reunidas de relogios e prata Alfinide.

Por 3$500 reis um bom relogio portatil. Por este preço baratissimo podem receber um finissimo relogio para senhoras ou senhores, «d'or Souble» ou de «Plaquet» repassado, o que não se póde distinguir dos relogios de verdadeiro ouro ou prata. No commercio é o preço d'elles o decuplo. Garantido por 4 annos.

Por 4$000 reis um relogio de «Argentina» ancre, com um optimo machenismo de precisão. Garantido por 5 annos.

Por 4$300 reis mandamos um magnifico relogio portatil «Repertoir de Plaquet» ou de verdadeiro «or double» arregalado com machenismo artificial. *Ultima novidade de Vienna*, chamado «Imperial-Nouveauté». Garantido por 4 annos.

Por 3$800 reis se recebe um excellente, bem arregalado e luminoso relogio de salão posto em quadro de madeira bem dourada e com estupendo quadrante empenhado da i r priv. materia luminosa a qual o faz de noite luminoso como a lua, assim que se podem ler as horas sem acender a luz.

Por 1$000 reis se recebe uma elegante cadeia de relogio de «Plaquet» que se póde transformar n'um instante em porta pena com tinteiro de ca radura hermetica. Comodadissimo para todos.

Por 6$000 se recebe um optimo relogio *emontoir* de prata verdadeira o qual representa um valor de *40$000*. Esse relogio patenreado foi distinguido com 3 medalhas d'ouro nas exposições universaes. Garantido por 5 annos.

Por 3$850 reis apenas representante sómente a metade da mão de obra, do que antes se vendia por 60 francos, enviaremos o seguinte serviço de mesa de prata Alfinide, muito fino e duradouro: 6 formosas facas de meza, 6 garfos, 6 colheres de sopa, 6 bonitas colheres de chá, 1 grande colher de terrina, 1 grande colher de legumes, 3 formosas oveiras, 2 chicaras para sobremeza, 1 formoso pimenteiro e saleiro, 1 formoso coador para chá, 3 magnificos assucareiros, 6 formosos apoios para facas—Total 42 peças. Brancura garantida por 10 annos.

Enviaremos a mercadoria sempre franco de porte, se recebermos adiantadamente o importe por meio de mandado postal, valle de correio, introduzido entre Austria e Portugal desde d T.^mo de Abril 1886. (Acceitaremos tambem franqueios de correio portuguezes.) Devolve-se o dinheiro, caso a mercadoria não convenha. Dirigirem-se confiducia ao deposito geral de fabricas reunidas de relogios de prata Alfinide.

M. RUNDBAKIN

II HEDWIGGASSE 4

VIENNA AUSTRIA

INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa. Empregada só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Paris) cura em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas. Muito util tambem como *preservativo*.

Exija-se a assignatura de RAQUIN.

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES
78, Faubourg Saint-Denis, Paris,
E em todas as boas pharmacias do estrangeiro.

21 **ASPHALTO**

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

7

NUMERO TELEPHONICO 168

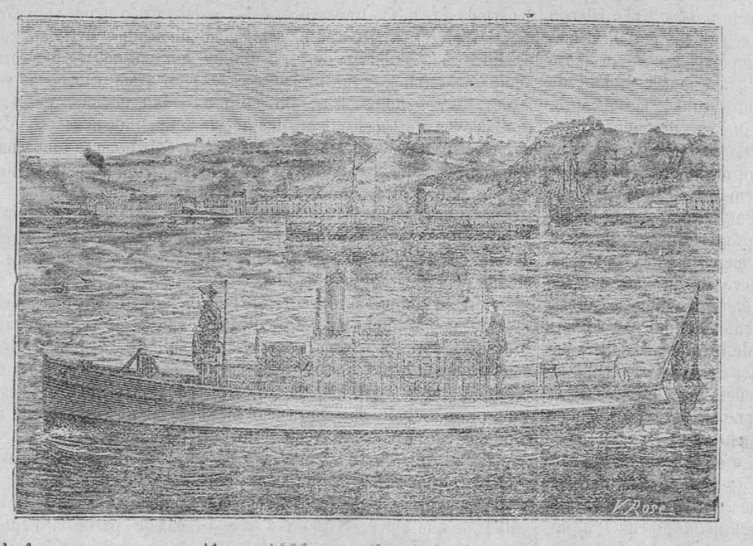
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

FUNDIÇAO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES A' PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor; construida em 1883, nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação ndição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaes que obras de ferro ou madeira, para construcções civis mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como **telhado, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo. etc.**

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempe em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 1, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro. Lisboa.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia. no acto da comida, ou em caldo, qoando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao *toast*, para facilitar completamente a digestão

Para evitar a contrafacção, os envolucro, das garrafas devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da le de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

10

PILULAS DE BLANCARD
DE
IODURETO de FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK — *Approvadas pela Academia de Medicina de Paris. Adoptadas pelo Formulario official francez. Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo* — PARIS

1853 — 1855

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrophuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*pallidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto. Blancard

Pharmac^a em Paris, rue Bonaparte, 40
DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

POS DENTIFRICOS DE MOURA

131 ESTES pós limpam os dentes sem prejudicar o seu esmalte, dando-lhes um brilho e alvura admiraveis; fortificam as gengivas, tiram o mau halito e previnem a carie de resultados tão funestos quanto dolorosos. Caixa 200 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada emconformidade da lei de 4 de junho de 1883.

RÉCLAME

77 DESDE o dia 1.º de setembro de 1884, um sello de garantia levando as palavras francezas «**Union des Fabricants** pour la répression de la contrefaçon» (*União dos Fabriacntes* para a repressão das falsificações) acha-se applicado como um *sello do correio* sobre todas as caixinhas de pilulas que mesa da pharmacia do Doutor **Dehaut** de Paris.

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO A' CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VINDE VER AS

Excelentes e ainda não igualadas maquinas de coser de LANÇADEIRA OSCILANTE, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.
Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.
A agulha é sempre ajustavel.
Dá dois mil pontos n'um minuto!
Levissimas no trabalho e silenciosas sem ignal.
Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.
Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu maquinismo é ajustavel e com o uso e os anos está a maquina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapeleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende diretamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINGER

Vendeu só no ano de 1884 a enorme quantidade de 620:382 maquinas! devido isto á sua grande aceitação, suplantando assim todos os outros sistemas modernos, que jàmais poderão competir com a maquina SINGER

SINGER

Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.
Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.
Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações.
Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.
Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

NOVO DEPOSITO
DE
MACHINAS DE COSTURA

CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Rua Direita—Aveiro

Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

5

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero pederão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.